BOLSONARO DERRETE

Com a **popularidade despencando e a crise econômica** em alta, presidente vê as chances de se reeleger diminuírem e perde apoio em diversos segmentos, **isolando-se na extrema direita. Até quando ele resiste?**

EDITAL DE CULTURA

SESC RJ

pulsar

ENTREVISTA

RANDOLFE RODRIGUES

Vice-presidente da CPI da Covid no Senado

Defensor da prorrogação dos trabalhos da CPI da Covid no Senado, o vice-presidente da comissão, Randolfe Rodrigues (Rede-AP), tem sido um dos parlamentares mais incisivos durante a investigação que revelou, dentre outras coisas, fortes indícios da existência de um grande esquema de corrupção na compra de vacinas no governo Bolsonaro. Rodrigues ajudou a convencer o relator, senador Renan Calheiros (MDB-AL), a adiar a apresentação do relatório final prevista para a última sexta-feira, 24. Ainda não há definição sobre a nova data, mas Randolfe estima que isso possa acontecer na primeira semana de outubro. "Sou da seguinte opinião: enquanto tivermos bambu, tem flecha", afirmou o parlamentar à ISTOÉ. Na conversa, Rodrigues antecipou alguns pontos do relatório. De acordo com ele, Bolsonaro deve ser indiciado por cerca de oito infrações penais contra a saúde pública, cuja pena pode lhe render mais de 30 anos de cadeia. Para o senador, o mandatário tinha conhecimento das quadrilhas desbaratadas pela CPI e até participou de algumas delas. "Tenho certeza que Bolsonaro tinha conhecimento dessas quadrilhas. E, em alguns momentos, teve participação direta nisso. Ele indicou o diretor do Instituto Evandro Chagas. Aí tem a digital de Bolsonaro", disse.

Por Ricardo Chapola

"BOLSONARO PARTICIPOU DAS QUADRILHAS NA SAÚDE"

Por que a CPI resolveu adiar a apresentação do relatório?

A CPI tem um prazo regimental para ser concluída, que vai até o dia 5 de novembro. Na verdade, o que estávamos pensando era antecipar o fim dos trabalhos. Sempre tive minhas reticências quanto a isso, porque sou da seguinte opinião: enquanto tivermos bambu, tem flecha. Se há fatos novos, temos que aprofundar a investigação. Surgiu agora esse escândalo da Prevent Senior. Não podemos ficar sem investigar. Tínhamos pedido há algum tempo a busca e apreensão na sede deles. Só foi deferida agora. Não podemos encerrar sem analisar os documentos apreendidos. Tenho ponderado com o relator e com o presidente da CPI que temos de ter cautela para tocar a investigação, mas não precisamos ter pressa. Acredito ser mais razoável concluir na primeira semana de outubro.

O caso da Prevent Senior pode complicar a vida do presidente Bolsonaro?

Isso é mais um elemento doloroso de uma das páginas mais tristes da nossa história, que só aprofunda os crimes que já tínhamos constatado que o presidente cometeu. Só aprofunda os elementos de crime contra a vida, de crime contra a humanidade, só acrescenta mais dor na trama dos crimes na pandemia.

Por quais crimes Bolsonaro deverá ser acusado no relatório final da CPI?

Temos elementos de que ele cometeu crime de epidemia, crime contra a saúde pública, crime contra a ordem sanitária e prevaricação. Ainda precisamos ter uma análise maior sobre corrupção passiva. Acho que, ao todo, hoje, temos de sete a oito tipos infrações penais que pesam contra o presidente. Só o crime de epidemia prevê de 10 a 12 anos de prisão. E com o agravante de ser praticado por agente público, quando a pena pode chegar a 20 anos. Sem falar de charlatanismo, prevaricação e os outros malfeitos que pesam contra Bolsonaro.

FOTOS: ORLANDO BRITO; ISAC NÓBREGA/PR

PUNIÇÃO Randolfe Rodrigues diz que Bolsonaro será indiciado por sete ou oito crimes contra a saúde pública

Jair Renan, o filho 04 do presidente, pode ser convocado a depor?

Independentemente do desaforo que ele fez contra a CPI na última segunda-feira, 20, que foi uma atitude de moleque mimado, característica de alguém que não recebeu educação dos pais, acho que ele precisa responder por isso na CPI. E tem ainda outras circunstâncias. Ele surge sendo beneficiado por um personagem da CPI, que é o Marconny Faria, um lobista que está sendo investigado. A CPI obteve arquivos desse lobista e o esquema que ele montou conta a participação de Ana Cristina Valle, mãe de Renan, para que o lobby se concretize. Ela tem participação na indicação de um rapaz (Márcio Nunes) para o Instituto Evandro Chagas, do Pará. Isso resulta numa operação da PF, chamada Operação Parasita. Nela, foram presas pessoas que participavam desse esquema criminoso, envolvendo propinas de R$ 1,4 milhão. Jair Renan é beneficiado por esse lobista. Isso já é elemento suficiente para incluir Jair Renan e a mãe dele no relatório final.

Serão acusados de praticar tráfico de influência?

Sim, tráfico de influência para beneficiar um lobista, resultando numa operação da PF, onde o agente que foi nomeado é preso por corrupção ativa, corrupção passiva e formação de quadrilha.

Como a CPI pretende abordar o envolvimento de Bolsonaro nas quase 600 mil mortes na pandemia?

Para concluir que Bolsonaro tem participação direta nas mortes de brasileiros na pandemia, nem precisaria da CPI. Basta reunir as reportagens da imprensa, os vídeos produzidos por ele próprio e pronto. São declarações dadas por ele em meio a aglomerações; participação em eventos em que ele disseminou o vírus; campanhas que ele comandou contra o uso das máscaras; declarações contra as vacinas etc. A CPI só reuniu todos esses elementos. Seria ridículo se o presidente não fosse indiciado, pelo menos pelo crime de epidemia. E isso já é certo que vai acontecer.

"Vamos apresentar uma ação penal diretamente ao STF para evitar que a CPI seja engavetada por Augusto Aras"

Houve formação de quadrilha nos esquemas investigados pela comissão?

O que encontramos no Ministério da Saúde é que o órgão se transformou, há muito tempo, num balcão de negócios montado pelo deputado Ricardo Barros quando ele foi ministro da Saúde. O que chama a atenção é que o motoboy da VTC Log tenha feito nos últimos dias de 2018 pelo menos cinco saques, exatamente pela empresa que assumiu os contratos de logística no Ministério da Saúde. Os dois diretores anteriores do departamento de logística respondem a processos na Lava Jato. E o tercei- >>

ro, que é Roberto Ferreira Dias, respondia a processos no MPF de Brasília, no âmbito da Operação Falso-Negativo. E foi agora também indiciado na CPI. Todos os diretores do departamento de logística estão indiciados ou respondem a algum processo de corrupção. A história não para por aí. O que nós percebemos é que esse esquema se aprofundou no governo Bolsonaro. Apareceu a história da Precisa, surgiu a atuação dos lobistas, como Marconny Faria atuando junto à família do presidente. São vários esquemas distintos.

Acha que existe um mandante único por trás disso tudo?
Tenho certeza que Bolsonaro tinha conhecimento de tudo isso. E em alguns momentos tem participação direta, como é o caso da nomeação do diretor do Instituto Evandro Chagas, Márcio Nunes, que foi preso na Operação Parasita. Isso é um lobby articulado pelo Marconny Faria, que tem também a participação de Ana Cristina Valle. Nunes foi nomeado pelo próprio presidente. Nos diálogos de Marconny Faria está declarado ali que Marconny não consegue avançar na nomeação junto a Wanderson de Oliveira, que era do Ministério da Saúde. Wanderson era um entrave para Marconny. Ele então diz o seguinte diálogo: "Temos que tentar por cima". Isso tem a digital de Bolsonaro. O "por cima" é o presidente, porque é o presidente quem nomeia. Márcio Gomes foi nomeado por cima, sem passar pelo Ministério da Saúde.

Como garantir que os trabalhos da CPI surtam efeito depois do seu término?
Vamos utilizar de todos os meios necessários para que isso aconteça. Não somente oferecendo a denúncia à PGR, não somente apresentando o relatório para o deputado Arthur Lira. Também existe a figura da ação penal subsidiária, um caminho que vamos utilizar para levar a denúncia diretamente ao Supremo Tribunal Federal. Isso é uma estratégia para evitar que ela acabe sendo engavetada pelo PGR Augusto Aras e pelo presidente da Câmara.

Qual sua avaliação sobre a suposta participação de Flávio Bolsonaro no esquema de compra de vacinas?
Flávio tem relação direta com alguns personagens investigados na CPI. Um deles chegamos a ouvir, que é Willer Tomaz. O outro é o Danilo Trento, que tem relação com os negócios de Flávio. Não acho razoável a CPI terminar sem ouvir o Trento. Para mim, o depoimento dele é o mais importante nesta reta final das investigações.

O senhor defende a criação de uma nova CPI?
Precisamos de uma nova CPI, principalmente a da rachadinha. Um outro esquema nebuloso é o caso das fake news. A CPI das fake news precisa ser retomada com a apuração aprofundada dos esquemas de corrupção ali existentes.

Quantas pessoas serão indiciadas no relatório?
Já perdi a conta. Mas alguns indiciamentos são inevitáveis. O presidente Bolsonaro e o deputado Ricardo Barros devem ser denunciados no relatório. Mas não podemos deixar de lembrar ainda de Eduardo Pazuello, Élcio Franco e Roberto Ferreira Dias. O atual ministro da Saúde também tem se esforçado muito para ser incluído no relatório.

Por quê?
Lamentavelmente, o ministro Marcelo Queiroga rasgou o jaleco e vestiu a camisa de Bolsonaro.

Acha que a CPI errou em algum momento?
A CPI foi muito mais longe do que imaginávamos. Começamos a trabalhar imaginando que íamos investigar ações e omissões do governo Bolsonaro na pandemia, mas descobrimos um esquema de corrupção. Quando a CPI começou, vacinávamos 200 mil brasileiros por dia. Depois dela, demos um salto para 2 milhões de vacinados por dia. Antes da CPI, o governo só falava em cloroquina – fala ainda hoje, mas de uma forma um pouquinho mais envergonhada. Bolsonaro teve que correr atrás de vacinas por causa da CPI. Se não fosse a comissão, os cofres públicos brasileiros teriam sofrido um golpe de R$ 1,6 bilhão na compra da superfaturada Covaxin.

O que achou de Bolsonaro ser o único chefe de Estado que não se vacinou na Assembleia Geral da ONU?
Bolsonaro conseguiu bater recordes. Promoveu a ida mais vexatória de um chefe de Estado do Brasil à Assembleia da ONU desde a sua fundação. O segundo foi ter feito a participação mais vexatória de um líder de estado em todo o planeta num evento da ONU. O povo brasileiro não merecia passar por tanto constrangimento. Bolsonaro revelou que teremos uma tarefa hercúlea para reerguer o País depois da tragédia bolsonarista no governo. ■

"Lamentavelmente, o ministro Marcelo Queiroga rasgou o jaleco e vestiu a camisa de Bolsonaro"

FOTO: PEDRO GONTIJO

AS MENTIRAS DE BOLSONA

Ao ver barrado pelo Poder Legislativo e STF o seu plano de perpetuar os meios digitais como um fértil campo para disseminar livremente mentiras e invencionices, o presidente Jair Bolsonaro declarou que "fake news faz parte da nossa vida" – melhor seria se ele não houvesse generalizado, ou seja, mentira faz parte da vida dele, não da "nossa". A sua mitomania e teimosia são tamanhas, que aquilo que era Medida Provisória, impedindo as redes sociais de tirarem do ar comentários inverídicos, voltará agora aos parlamentares sob a roupagem de projeto de lei. No final da semana passada, pouco antes de embarcar para Nova York, o presidente bravateou que estava levando "verdades" que iria dizer na abertura da 76ª Assembléia Geral das Nações Unidas – por tradição, desde 1955, quando se realizou a 10ª Assembleia, é o Brasil que dá início aos trabalhos. A quais "verdades" o capitão estava se referindo? Como dá para crer que seja "verdade" aquilo que é dito por quem traz "fake news fazendo parte da vida"? Analistas políticos internacionais, que cobriram o encontro na ONU, foram unânimes diante da fala de Bolsonaro: ainda que seu discurso tivesse sido obra de deuses, o que não foi, mesmo assim o Brasil não se livraria da péssima imagem junto a países de alto patamar civilizatório: imagem de pária da comunidade internacional, imagem de anacronismo e ignorância, imagem que é a semelhança de Bolsonaro. O discurso de doze minutos, mentiroso e agressivo, saiu de sua cabeça e da cabeça de seu filho Eduardo – somando-se as duas, não se tem sequer meio neurônio queimado. "É impossível o Brasil recuperar a credibilidade", noticiou a mídia europeia. O desprezo das nações que estão na contemporaneidade do mundo tem lastro: assim que começou a conspirar contra as instituições democráticas e a ferir os direitos fundamentais dos brasileiros, Jair Messias Bolsonaro acumulou trinta e duas advertências, feitas por relatores da ONU, todas elas envolvendo graves denúncias de violações das garantias fundamentais. Visto isso, dá para entender por qual motivo o Brasil não sairá, na visão internacional, da situação de lama moral, falência ética, corrupção grossa, ruína econômica, vazio acadêmico, assassinato da ciência e diáspora cultural em que se encontra. Bolsonaro é sarna para o País. Edificante foram a sua imagem e a de parte de seus asseclas comendo, com as mãos lambuzadas de óleo, pedaços de pizza em plena calçada em Nova York – e o ministro do Turismo, Gilson Machado, deixando aparecer uma porção da cueca. Vexame total! Por não estar vacinado contra a Covid, a crer em suas palavras, Bolsonaro esteve proibido de ingressar em quaisquer recintos da cidade que não fossem os da Assembleia Geral e do tradicionalíssimo hotel InterContinental Barclay, um dos mais prestigiados da Big Apple, onde se hospedou. Assim que lá chegou, houve um protesto popular contra a sua presença, e ele precisou entrar no edifício pelo local que tem a sua cara: a porta dos fundos. A entrada principal no número 111, ao lado leste da rua 48, em Midtown, não é para qualquer um. A suíte em que ficou possui mil metros quadrados de área, e o valor da diária gira em torno de R$ 15 mil, custo garfado do dinheiro público. É lei em Nova York: para ingressar em um restaurante, por exemplo, a pessoa tem de exibir certificado de vacinação. O capitão, o mais competente de todos os infectologistas do mundo (só rindo), é contrário à tomada de vacinas – ou talvez as tenha tomado, e por isso decretou sigilo de um século sobre a sua carteira de imunizantes. Como acertadamente disse Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro, Bolsonaro "dialoga com a morte". Isso vale para a pandemia, mas a coisa vai além: o presidente e aqueles que o cercam são apaixonados por armas de fogo e agressivamente imitaram com a mão a imagem de revólver em direção a manifestantes contrários ao governo brasileiro. A completa ausência de urbanidade, no entanto, enxovalhando a imagem do Brasil, essa ficou por conta do ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, quando ele fez um gesto obsceno com o dedo médio. Os chefes de Estado que estiveram na abertura da Assembleia Geral sabem que o presidente-abutre com olhos de "placas de estanho" (com a licença de Machado de Assis pela utilização dessa imagem) carrega nas asas seiscentos mil mortos. Ao ouvi-lo discursar, comprovaram que a sua "verdade" é a mentira. O mito transformou a tribuna da ONU em palanque de campanha para a reeleição. Foi provinciano ao fazer apologia do próprio umbigo, faltou com a verdade e emporcalhou, mais uma vez, o nome do Brasil. Atacou a imprensa nacional, acusando-a de deturpar fatos. Mentira: quem gosta de fake news e quem os deturpa é ele. Teve

Antonio Carlos Prado, *diretor de edição*

RO E O DEDO DE QUEIROGA

o atrevimento de falar que em seu governo não há corrupção. Mentira: a corrupção está instalada no seio da família, filhos e ex-mulher são investigados e transbordam gordos indícios e gordas suspeitas de que eles adoram a prática criminosa da rachadinha. Bolsonaro disse que respeita indígenas e que eles pleiteiam outras formas de atividades em suas terras. Mentira: há poucos dias estiveram em Brasília a exigir que possam manter somente a sua agricultura tradicional, e as boas-vindas foram gás e balas de borracha. Em seu pronunciamento, o presidente omitiu o fato, presente na grande imprensa mundial, de que ele é a favor do "marco temporal". Quanto à Amazônia, Bolsonaro deu um espetáculo à parte: subiu o tom de voz para assegurar a preservação da floresta e comemorar a redução em 32% do desmatamento em agosto. Mentira: esqueceu-se do recorde de dois mil e quinhentos hectares incendiados recentemente entre Rondônia e Amazonas e da devastação inédita e avassaladora cometida entre março e junho. Mais: esqueceu-se de que já prestigiou em sua gestão um certo homem da porteira, Ricardo Salles, o ministro que gostava de abri-la a ilegalidades no campo — e que curte árvores... no chão. Finalmente, vale destacar, a dura crítica de Bolsonaro (o tom de voz subiu mais alguns desafinados sustenidos) aos que combatem o tratamento precoce da Covid-19, explicando que não há base para a rejeição. Mentira: a OMS (que sabe mais de doenças do que ele) é taxativa na determinação de que não existe essa forma de tratamento — e condena a prescrição da cloroquina, para a qual Bolsonaro advoga. É óbvio que o presidente-abutre chamou a si as glórias de o Brasil ter vacinas. Mentira: se o País as possui, é porque houve um incansável batalhador, um corajoso pioneiro, um destemido político democrata e republicano que priorizou os cuidados com a saúde dos brasileiros chamado João Doria, governador de São Paulo — e que vive sendo sabotado pelo Ministério da Saúde, comandado por Queiroga, o médico do gesto vulgar com o dedo, o médico do gesto que não traduz a boa educação da maioria do povo brasileiro. É até desnecessário dizer que o capitão-abutre nada mencionou sobre a suspensão que houve da vacinação em adolescentes que não portam comorbidades, porque tal decisão envolveu um truque administrativo e político para fazer sobrar vacinas aos adultos, uma vez que a péssima gestão do doutor do dedo fez a mágica de gerar déficit de doses. Bolsonaro (que tocante! Só rindo) lamentou o falecimento das vítimas da pandemia. Mentira: manifestações de sentimento jamais foram dadas por ele. Quando Bolsonaro colocou ponto final no discurso (doze falsidades e distorções em doze minutos), começaram as críticas da mídia nacional e internacional, sobretudo pela sua defesa do tratamento precoce. Bolsonaro isolou definitivamente o Brasil, e o conceito do País desceu mais ainda com a confirmação da notícia de que o ministro da Saúde - justamente o ministro da Saúde - testara positivo. Ele defendera convictamente a necessidade do uso de máscara na CPI da Covid, mas a descartou em diversas outras ocasiões para agradar o chefe. Entre o cargo e o vírus, o médico Queiroga optou pelo risco. Ele ficará em quarentena nos EUA, e novamente vai de embrulho o dinheiro público. Antes de sair de cena, Bolsonaro dramatizou: "a História e o tempo dirão quem tem razão". As suas palavras lembram um discurso em tribunal do autocrata comunista Fidel Castro, intitulado "A História me absolverá". Autoritarismo é autoritarismo, seja à direita ou à esquerda. E a História, sábia senhora, experiente na separação entre o joio da mentira e o trigo da verdade, não absolveu o ditador cubano e já condenou aquele que pretende ser o ditador brasileiro. ■

FOTO: MATEUS BONOMI/AGIF VIA AFP

por Marcos Strecker

Editor Executivo de ISTOÉ

É HORA DE PENSAR NO PÓS-BOLSONARISMO

O Sete de Setembro representou a crise institucional mais grave desde a redemocratização. Não foi a maior mobilização popular (como nos anos Collor), nem a mais simbólica de grandes mudanças, como as Jornadas de Junho no governo Dilma, que anteciparam o esgotamento do petismo. Mas a investida de Bolsonaro foi especialmente nociva porque, pela primeira vez, questionou-se o pacto democrático de 1988. Felizmente, este acordo prevaleceu com o apoio expressivo da maioria silenciosa, e o presidente perdeu a oportunidade de dar o golpe. Continuará tentando, mas dificilmente terá força para isso, mesmo sendo capaz de ainda causar um grande estrago. É hora, portanto, de pensar no cenário pós-Bolsonaro.

A um ano das eleições de 4 de outubro de 2022, o panorama é muito difuso. Mas é certo que o presidente não terá um segundo mandato. Já não operam as forças que lhe deram a chance histórica de ocupar uma cadeira para a qual não tinha capacidade. Ele foi eleito por ser o candidato mais viável para derrotar o petismo, num cenário de caos institucional e de cruzada moral pela erradicação da corrupção. Mas os vícios do patrimonialismo prevaleceram, como a captura persistente do Estado por grupos de interesse, quando não criminosos (caso do próprio presidente).

A esquerda está exultante porque aposta na volta de Lula para ressuscitar a era petista. Mas o Brasil não é o mesmo de 2016. A voz conservadora que estava apenas dormente não vai se calar tão fácil. E as pautas identitárias (de gênero, antirracistas etc.) que promovem a polarização continuarão a afastar os esquerdistas do centro, que é maioria. É bom lembrar que a cultura do cancelamento foi criada pelo petismo, apesar de ter virado um fenômeno com o bolsonarismo. Nos EUA, o cientista político Mark Lilla mostrou que Donald Trump surgiu pela fragmentação das forças progressistas, mergulhadas em pautas que fomentavam a divisão da sociedade. No ano passado, os democratas triunfaram porque recuaram em suas propostas e se uniram em torno do moderado Joe Biden. Lula já percebeu isso e tenta encarnar "o novo centro". Mas demonstra que deseja um governo revanchista, e sua prioridade vai ser esmagar o risco de que os processos contra ele avancem. Quer aprofundar os vícios do populismo, como a intervenção irracional na economia. As eleições ainda estão indefinidas. O País espera um pacificador, mas o Biden brasileiro ainda não se apresentou.

O pleito de 2022 está indefinido. O País espera um pacificador, que supere a polarização, mas o Biden brasileiro ainda não se apresentou

OPÇÃO PELO ATRASO

O Brasil experimentou um pouquinho de desenvolvimento, mas parece não ter gostado. Tudo faz crer que tomou uma firme decisão de regredir. Não chegamos a nos parecer com a Venezuela, mas, pelo andar da carruagem, vamos acabar nos transformando numa Argentina. É certo que não conseguimos um fanfarrão do calibre do Tenente-General Juan Domingo Perón, mas isso é um detalhe. O fato que melhor comprova a hipótese acima exposta é a desidratação do chamado "centro". Centro, terceira via, escolha você, caro leitor, o nome que preferir. Somos, com certeza, o único País do mundo que logrou a proeza de arranjar trinta e três partidos políticos e não consegue um candidato capaz de se contrapor ao espectro da polarização, vale dizer, à repetição da loucura Bolsonaro versus PT (agora com Lula).

Mas a coisa não para aí. Em Brasília – isso uma breve espiada nos jornais evidencia – tem um monte de gente empenhada em tirar Bolsonaro do

Nenhum indivíduo na plena posse de suas faculdades mentais duvida de que ilícitos existem em abundância para tirar Bolsonaro do Planalto

por Bolívar Lamounier

Cientista político

páreo. Tirar, quero dizer, mediante artifícios jurídicos e imputações de ilícitos de toda ordem. Nenhum indivíduo na plena posse de suas faculdades mentais duvida de que ilícitos existem em abundância. A começar pela persistente sabotagem que o ocupante do Planalto perpetrou contra os agentes de saúde que combatem na linha de frente contra a pandemia. Mas isso já está no preço.

O que não se tem observado é que o clima de turbulência alimentado por Bolsonaro mantém o dólar alto, que empurra para cima a inflação e realimenta a turbulência de que Bolsonaro precisa para criar mais turbulência e mobilizar seus fanáticos. Nesse quadro, surge a genial ideia de convocar Lula primeiro e único, o imbatível, para o papel de pacificador. Transformando-o no estadista que ele nunca foi e não tem condições de ser, rearmamos a polarização e, eureka! Operamos o milagre de devolver Bolsonaro a seu habitat natural e reabrir a larga avenida que haverá de nos levar ao crescimento sustentável.

Em nossa hilária América Latina, os exemplos são Perón, que voltou da Espanha de braço dado com Isabelita. Morto Perón, ela se pôs sob a orientação de Lopez Rega, El Brujo, uma versão portenha de Rasputin. O outro é Getúlio Vargas, cuja volta em 1950 acirrou até o limite a radicalização política do País. Lula, se tivesse juízo, deveria se convencer de que já fez todo o bem (e todo o mal) que podia fazer pelo Brasil e tirar de vez as férias a que ele há tempo faz jus. Com Bolsonaro X PT, o Brasil não corre o risco de dar certo.

por Marco Antonio Villa

Historiador

BOLSONARISMO É IGUAL AO NAZIFASCISMO

O extremismo bolsonarista sempre esteve presente na história do Brasil. A negação dos direitos humanos, a violência como instrumento de fazer política, a recusa à aceitação da diversidade, o interesse individual do andar de cima se sobrepondo às necessidades das amplas massas de pobres e miseráveis, foram marcas indeléveis da nossa formação social. A discriminação foi durante muitas décadas encarada como algo natural ou "aceita" de forma indulgente. Acabou sedimentando um terreno reacionário que foi cultivado pelo extremismo sem que os breves momentos democráticos pudessem realizar a devida limpeza da área contaminada. A desconsideração da existência – e da permanência – de uma visão de mundo oposta ao Estado democrático de Direito acabou permitindo que os desacertos políticos das últimas décadas fossem instrumentalizados e apropriados pelos negacionistas das liberdades democráticas. O bolsonarismo é a versão mais atualizada deste espírito que foi sistematizado – com diferentes matizes – pelo nazifascismo tupiniquim.

O momento que estamos vivendo permitiu enxergar sem qualquer forma de ocultamento o extremismo pois, desta vez, não ficou restrito a pequenos grupos marginais da sociedade ou às questões pontuais. Não, o bolsonarismo tomou o aparelho de Estado, usando de todas as franquias da Constituição de 1988, e transformou o cotidiano nacional numa guerra constante contra a democracia. De ameaça em ameaça chegamos ao ponto de aguardar por um golpe de Estado como se fosse algo absolutamente natural, parte da política. Foi o que assistimos, por exemplo, no último dia Sete de Setembro. O Brasil, em suspenso, aguardando as falas golpistas em Brasília e, posteriormente, em São Paulo.

O País não suporta mais o extremismo como política oficial. A cada dia a situação econômico-social piora. A desorganização financeira governamental é evidente. O orçamento de 2022 é pura ficção. Não há plano de governo. O cotidiano da administração é caótico. Bolsonaro sequer tem uma agenda diária de trabalho. Tudo é feito no improviso, em ritmo miliciano, como se o "escritório do crime" de Rio das Pedras tivesse se transferido para o Palácio do Planalto. Só falta Fabrício Queiroz ser designado para chefiar a Casa Civil.

De ameaça em ameaça chegamos ao ponto de aguardar por um golpe de Estado como se fosse algo absolutamente natural, parte da política

O desafio dos democratas é não só vencer o extremismo, mas enfrentá-lo onde deitou raízes. Um bom início seria a introdução da Constituição no currículo escolar como disciplina ou em conteúdos programáticos espalhados por disciplinas da área das Ciências Humanas.

por Mariana Ferrari

Frases

“ENTRE O GOVERNO QUE ESTÁ AÍ E DOM PEDRO II, SOU 100% O IMPERADOR”

PAOLA DE ORLEANS E BRAGANÇA, modelo, criticando Jair Bolsonaro

“Os skatistas não se enxergam como atletas”

PEDRO BARROS, skatista brasileiro

“Nunca tive pudor em dizer que estou desconfortável. Sempre deixei claro o meu limite”

ÁGATHA MOREIRA, atriz, ao expor a sua opinião sobre as cenas que faz de sexo explícito

“O PODER DE ACUSAR É UM PODER E, COMO QUALQUER OUTRO, PODE SER CORROMPIDO”

MARGARET ATWOOD, escritora, ao comparar a prática de cancelamento ao totalitarismo

“NÃO ME CHAMEM APENAS PARA QUE SUA GRIFE SEJA VISTA COMO CONTEMPORÂNEA. SELECIONE-ME COMO FAZEM COM MENINAS DE 20 ANOS”

SHEILA O’CALLAGHAN, modelo, 51 anos de idade

“A VIOLÊNCIA POLÍTICA SÓ VAI ACABAR QUANDO CADA UM DE NÓS TIVER TOLERÂNCIA ZERO COM A INTOLERÂNCIA, COM ARAQUES E AMEAÇAS PESSOAIS”

TABATA AMARAL, deputada federal, ao condenar o fato de José de Abreu a ter chamado de “canalha” nas redes sociais

“AOS QUE CRITICAM AS AÇÕES DE BOLSONARO, PENSEM: SE VOCÊ FOSSE MILICIANO, CORRUPTO, ISOLADO NO PODER, TENTANDO APARELHAR O ESTADO PARA PROTEGER SEUS FILHOS CORRUPTOS, SEM APOIO DA POPULAÇÃO, NÃO FARIA O MESMO?”

FABIO PORCHAT, humorista, ironizando o dicurso do presidente na Assembleia Geral da ONU

FOTOS: FRED CHALUB/EDITORA GLOBO; CARL DE SOUZA/AFP; FOTO @SHEROLINSANTOS

QUANTAS HORAS DE MÚSICA VOCÊ QUER NA SUA RÁDIO? QUE TAL 24 HORAS POR DIA?

A Rádio Sesc RJ está no ar pra você! Aproveite uma programação musical pra lá de especial com diferentes gêneros, artistas consagrados e novos nomes e ritmos da música brasileira. É música 24 horas por dia, selecionada pela curadoria do Sesc RJ. **Rádio Sesc é música para os seus ouvidos.**

radiosescrj.com.br

CHORINHO SESC
SEG. 21H

FORRÓ BAIÃO MARACATU
QUI. 21H

Sintonize esse novo canal e acompanhe nossos podcasts.

por Germano Oliveira

Colaboraram: Marcos Strecker e Ricardo Chapola

Brasil Confidencial

ASSÉDIO Simone Tebet virou a noiva da vez: vários partidos a querem como vice

A força de Simone

Simone Tebet (MDB-MS) se transformou em um fator importante na eleição de 2022. Após se destacar na CPI da Covid no Senado, tendo sido responsável por induzir o deputado Luís Miranda a incriminar Ricardo Barros no escândalo da Covaxin, a senadora já surge entre os pré-candidatos que pontuam nas pesquisas para presidente, com 2%. Isso despertou o interesse de vários partidos pelo seu passe. É o caso de João Doria, que já pensa em tê-la como vice. O governador de São Paulo quer uma mulher na sua chapa. Chegou a pensar em uma nordestina, mas ficou encantado com o desempenho de Simone na CPI. Ela está entre ser candidata a presidente pelo MDB ou ser candidata à reeleição ao Senado pelo Mato Grosso do Sul. Emissários do PSDB já procuraram a senadora para conversar.

Baleia

O presidente nacional do MDB, Baleia Rossi, está propenso a aceitar uma aliança com os tucanos, entendendo que esse seja o melhor caminho para a legenda. Afinal, líderes da agremiação, como Michel Temer, estão empenhados em encontrar um candidato da terceira via como alternativa a Lula e a Bolsonaro. Temer chegou a colocar seu nome na roda.

Obstáculos

O problema é que no MDB há grupos importantes muito próximos a Lula, como Sarney e Renan Calheiros. Mesmo entre essas lideranças o nome de Simone tem despertado interesse. Filha de Ramez Tebet, ex-presidente do Senado pelo MDB, que morreu em 2006, mas que ainda goza de prestígio no partido, Simone está agitando os bastidores de Brasília.

O dilema de Datena

O apresentador José Luiz Datena vive o mesmo drama enfrentado por Luciano Huck: ficar na televisão ou largar tudo para entrar na política. Ele aparece com 4% no Datafolha para presidente, mas isso não significa que será candidato. Em 2018, aparecia com 30% para o Senado e não topou o desafio. É duro ter que abrir mão dos milhões da TV para se sujeitar a perder tudo numa disputa eleitoral imprevisível.

RÁPIDAS

* A empresária Luiza Trajano é a vice que todos sonham. O cacife da dona do Magalu aumentou depois que ela foi eleita pela revista americana "Time" como uma das 100 personalidades mais importantes do mundo. Ela nega que tenha sido procurada por Lula para conversar.

*** Os apagões vêm aí. Em setembro de 2001, quando aconteceram os blackouts de energia, os reservatórios estavam com capacidade de 20,8% e, neste mês, as reservas apontam para índices mais preocupantes, de apenas 18,2%.**

* Se Tábata Amaral subirá ao altar com o prefeito do Recife, João Campos, ninguém sabe, mas que ela já decidiu casar com o PSB do namorado é um fato consumado. A deputada se indispôs com o PDT por causa da Reforma da Previdência.

*** Além de ter determinado a interrupção da vacinação de adolescentes, Bolsonaro deixou sem dinheiro o Ipen, que produz matérias-primas para remédios contra o câncer: 10 mil pessoas ficarão sem os medicamentos.**

FOTOS: ANDRÉ DUSEK/ESTADÃO; BETO BARATA/PR; ALESP; GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO; MARYANNA OLIVEIRA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

RETRATO FALADO

"Não confundam o perfil mineiro de se fazer política com tolerância àquilo que não transigimos"

*O presidente do Senado, **Rodrigo Pacheco**, tem sido responsável por várias derrotas de Bolsonaro no Congresso, como a devolução da MP das Fake News, irritando os bolsonaristas. Aos que imaginavam que ele iria abrir as porteiras para o mandatário passar a boiada das pautas ideológicas, Pacheco mostra que está comprometido com o processo democrático. "Quem objetivar mitigar o Estado de Direito ou estabelecer retrocessos à democracia terá o pulso firme da política mineira."*

TOMA LÁ DÁ CÁ

CARLA MORANDO, DEPUTADA ESTADUAL DO PSDB-SP

Como vê o combate à Covid em São Paulo?

O Instituto Votorantim acaba de divulgar o ranking com o desempenho dos municípios na pandemia e São Bernardo foi a 1ª das 31 cidades da Região Metropolitana, comprovando a eficiência da gestão do prefeito Orlando Morando.

O que acha da decisão de João Doria lançar a candidatura de Rodrigo Garcia para o governo de São Paulo?

Rodrigo tem sido o copiloto que todo comandante quer ter. Não tenho dúvida de que terá sucesso em 2022.

A senhora está sendo cogitada para ser a vice de Rodrigo. O que acha disso?

Fui líder do PSDB na Assembleia e colaborei para que o Estado aprovasse a reforma administrativa. É importante ter uma mulher na chapa, mesmo que não seja eu.

Fuga de investidores

A estabilidade política é o principal fator levado em consideração pelas empresas dispostas a investir seus recursos nos países em desenvolvimento. Por isso, quando Bolsonaro ameaça dar um golpe e mudar as regras do jogo democrático, a primeira coisa que fazem é suspender os projetos para novos investimentos no País. É o que está acontecendo agora. As empresas estrangeiras estão batendo em retirada. Muitas se recusam até a participar de leilões de processos de concessões do governo federal, que no passado eram bastante atrativos. Agora, os executivos preferem aguardar que a situação política arrefeça e que o mandatário deixe de estressar o ambiente econômico.

Para 2023

Muitos executivos dessas empresas revelam que vão esperar passar a eleição do ano que vem para voltar a investir aqui só a partir de 2023, com a posse do novo mandatário. Nesse caso, aguardarão a eleição de alguém mais comprometido com a estabilidade política do que o atual presidente brasileiro.

O reforço das bancadas

Os presidenciáveis estão empenhados também na estruturação de chapas de deputados federais nos Estados, com nomes que sejam puxadores de votos. Em São Paulo, pelo menos oito secretários de Doria serão candidatos a deputado, entre eles **Marco Vinholi**, que pode ser ainda candidato a vice de Rodrigo Garcia ou disputar uma vaga no Senado.

Pesos-pesados

Outros secretários de peso de Doria que devem disputar as eleições em 2022 são Henrique Meirelles, que pode ser candidato ao Senado por Goiás, e Rodrigo Maia, que deve ser candidato à reeleição como deputado pelo Rio. Outros que pretendem disputar uma vaga na Câmara são: Patrícia Ellen, Rossieli Soares, Alexandre Baldy e Itamar Borges.

Saco de maldades

Apesar de estar na base aliada do governo, o deputado Marcelo Ramos (PL-AM), vice-presidente da Câmara, soltou cobras e lagartos contra a decisão do mandatário de aumentar o IOF para bancar o Bolsa Família. "Isso é uma maldade contra o povo brasileiro", disse o parlamentar. O IOF incide até sobre consignados para os aposentados e nas prestações habitacionais.

Coluna do Mazzini

SEM TRATOR NÃO HÁ SABATINA

Presidente da CCJ e responsável por agendar a sabatina do indicado André Mendonça à vaga no STF, o senador Davi Alcolumbre (DEM-AP) segura a pauta por birra com o governo. No início desse ano, ainda presidente do Senado, Alcolumbre espalhou outdoors por Macapá e fez barulho nas redes sociais, anunciando que o batalhão de obras do Exército asfaltaria 300 km da estrada da capital para o município de Laranjal do Jari; e outros 100 km de Macapá para Oiapoque na BR 156 - demandas de décadas dos amapaenses. Foi uma festa. Mas ele deixou a presidência do Congresso, caiu de volta ao baixo-clero, e o ministro da Infraestrutura, Tarcísio Freitas, não o recebe. Nenhum trator apareceu, Alcolumbre perdeu apoio popular, e os moradores continuam a comer poeira. Na tentativa de salvar algo, se reaproximou do líder do governo, Eduardo Braga (MDB-AM), e o presidente Bolsonaro avisou na terça-feira que vai tentar resolver. Alcolumbre se vinga e segura a sabatina de Mendonça, que nada tem a ver com as obras.

Abandonado pelo governo nas promessas para o Amapá e de volta ao baixo-clero, o presidente da CCJ se vinga e segura a sabatina de André Mendonça

ESA mais perto de Ponta Grossa

O Exército está disposto a investir em Ponta Grossa (PR) para sede da nova Escola de Sargentos de Armas (ESA), que deixa Três Corações (MG). Sem contrapartidas, Recife foi descartada na última RACE - Reunião do Alto Comando do Exército. A cidade paranaense disputa ainda com Santa Maria (RS), última base militar do general Mourão. A vantagem de Ponta Grossa é que a Embrapa local ofereceu suas terras. Os militares desconfiam de um acampamento do MST na propriedade da estatal. Os sem-terra já avisaram que não arredam pé, mas que não serão problema. Informaram que generais são bem-vindos. A decisão sai na RACE de outubro.

Paes e Mourão no Rio

Prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (DEM) disse a amigos que não sabe se disputará o governo. Há quem o queira no Palácio Guanabara, e há quem receie perder espaço em eventual gestão do vice-prefeito Nilton Caldeira (PL). Já o vice-presidente Mourão autorizou o PRTB a fazer sondagens, e será candidato se liderar duas pesquisas em abril.

Da Ficha Limpa à luta contra o racismo

Ex-juiz idealizador da Lei da Ficha Limpa, Márlon Reis, agora advogado, capitaneou a ação que fez o Carrefour pagar R$ 115 milhões em indenização pela morte de João Alberto, vítima de asfixia por seguranças, em Porto Alegre. Márlon impetrou mais duas ações em causa coletiva por crime de racismo: contra o Shopping Pantanal, em Cuiabá (cliente foi cercado ao sair de loja segurando, sem a caixa, sapatos comprados), e contra Assaí Atacadão de Salvador (dois homens suspeitos de roubo executados por traficantes, entregues por seguranças). Márlon representa a Educafro e o Centro Santo Dias de Direitos Humanos.

FOTOS: WILTON JUNIOR/ESTADÃO; SERGIO LIMA/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO

por Leandro Mazzini

Colaboraram: Walmor Parente e Carolina Freitas

Servidor em colisão com a ANTT

Ingerência política na transferência de servidores para praças mais vantajosas, farra de diárias em hotéis e, pasmem, contas mensais de R$ 2.305,25 de sinal de internet para postos de fiscalizações (alguns fechados). Esses e outros foram os motivos alegados pelo servidor de carreira F.M.C.S. para pedir exoneração da Agência Nacional de Transportes Terrestres, com 'efeito para dia 7 de Setembro'. Ele enviou e-mail com 18 parágrafos, narrando a trajetória e as decepções na autarquia. A agência informa que "os assuntos serão tratados internamente e se tomarão medidas administrativas".

Salles avisou, Bolsonaro não quis

Bolsonaro perdeu a oportunidade de se vacinar para ir aos EUA. Há poucos meses, em reunião ministerial, dias antes de sair do cargo, Ricardo Salles (Meio Ambiente) sugeriu a ele uma vacina. Irritado, o presidente pediu que levantasse a mão quem à mesa concordava com Salles. Todos ergueram.

Pandemia, casa & cama

A busca por divórcios e testamentos cresceu na pandemia de Covid-19. É o que constata o 15º Ofício de Notas, o maior do Estado do Rio de Janeiro. Entre janeiro e agosto de 2020, as suas duas unidades registraram 165 testamentos e 238 divórcios. No mesmo período desse ano, saltaram para 245 (+ 48,5%) e 318 (+ 33,6%), respectivamente.

Os trilho$ do Brasil

A MP das Ferrovias editada pelo governo animou o setor. O gigante alemão Deutsche Bahn (DB), que domina o mercado em dezenas de países, acompanha com especial atenção. Não é por acaso. Prata da casa, foi promovido há semanas a CEO Global de Parcerias Estratégicas com investidores o mineiro Gustavo Gardini, radicado em Berlim.

NOS BASTIDORES

A volta de Franklin

Lula quer na sua campanha o fiel escudeiro de Comunicação Franklin Martins. O jornalista dribla: "Se Lula for candidato, e eu espero que seja, claro que vou ajudá-lo".

Delcídio, o camaleão

O ex-senador Delcídio do Amaral é um camaleão. Descolou-se do PT, e dirige hoje o PTB em Campo Grande (MS). Vai se candidatar a deputado federal. É o único ex-petista em quem Roberto Jefferson confia.

Quatro rodas blindado

Uma Pajero blindada destoa do desfile de carros oficiais entre inquilinos da Esplanada. É o veículo herdado por Joaquim Leite, do Meio Ambiente. Era o transporte de Ricardo Salles, que se dizia ameaçado e tinha um coronel armado na escolta.

A bela & fera (ferida)

A situação do ex-chefão da CBF Rogério Caboclo pode se complicar se uma bela loura, ex-assistente americana, desabafar. Ela trabalhou na sede do Rio e voltou correndo para Chicago. Bate ponto no USSoccer.

Semana

por Antonio Carlos Prado e Mariana Ferrari

E AÍ, JOE BIDEN? Truculência marca a deportação de imigrantes ilegais: a Casa Branca pouco reage

“Não posso cruzar aqui, não posso cruzar ali. O que eu vou fazer?”
Jean Agenor, imigrante haitiano

IMIGRAÇÃO

Faroeste real: agentes dos EUA laçam haitianos para deportá-los

Os EUA iniciaram, na semana passada, a maior deportação de imigrantes ilegais em sua história recente. Mais de treze mil haitianos estão sendo retirados do país, e pelo menos sete voos diários são realizados nessa operação — a maioria dos haitianos não são informados sobre o destino, algo que seria impensável na gestão de Joe Biden. Daí as revoltas que estão ocorrendo durante as viagens ou quando os passageiros percebem que chegaram de volta ao aeroporto de Porto Príncipe, capital haitiana. A tripulação atira as bagagens pelas portas e janelas. A polícia norte-americana também bloqueou a fronteira com o México, na região da Ciudad Acuña, onde imigrantes haviam montado acampamentos. Para impedir a entrada nos EUA, agentes da fronteira, montados em cavalos, os laçam e os puxam — lembrando cenas de clássicos filmes de faroeste. A Casa Branca declarou que tal forma de atuação é “terrível”. **Em se tratando de uma nação que tem Biden como chefe de Estado, a nota oficial é meramente protocolar — é mais ao estilo conservador que ao democrata**. Já a congressista Ihan Omar, também democrata, foi explícita: “é crueldade, trata-se de abuso dos direitos fundamentais. É violação das leis internacionais”. O Secretário de Segurança Interna dos EUA, Alejandro Mayorkas, afirmou que os fatos serão investigados, mas alertou: “se você vier ilegalmente para o país será devolvido; e você estará colocando a sua vida e a de sua família em situação de perigo”.

PROVA CONTUNDENTE Madeiras que serão queimadas: pena de morte para as florestas

MEIO AMBIENTE

Criminosa devastação

Setembro marca o final da temporada de queimadas na região compreendida entre os estados do Amazonas e de Rondônia. E nela há um crime: estima-se que cerca de dois mil e setecentos hectares foram destruídos de forma intencional. Não houve, assim, o menor respeito ao acordo de moratória de queimadas e desmate com prazo para valer até outubro (alguém achou que daria certo?). É absurda a quantidade de madeira empilhada cujo destino é ser reduzida a pó. O avanço de atividades ilegais nessa área precisa ser enérgica e imediatamente reprimido; quanto ao avanço do agronegócio, tem ele de ser regulamentado em nome da preservação ambiental.

2,7 mil
hectares foram destruídos de forma intencional

FOTOS: PAUL RATJE/AFP; PAULO SANTOS/REUTERS/FOTOARENA; DIVULGAÇÃO; CHARLES M. SCHULZ

RITA LEE Absurdo: inteligência e irreverência presas pelo reacionarismo

EXPOSIÇÃO

Rita Lee no MIS

Rita Lee vai se sentir em casa no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo: além das músicas que embalaram — e ainda embalam - gerações de brasileiros, a artista sempre teve um impacto visual muito forte, de ícone da moda à presença no palco. A mostra "Samsung Rock Exhibition — Rita Lee", inaugurada na quinta-feira 23, reúne centenas de objetos relativos à carreira da cantora. Assina a cenografia Chico Spinosa. A curadoria, feita por Rita e João Lee, seu filho, traz memórias desde a época dos Mutantes, nos anos 1960, até a turnê do último álbum, "Reza", de 2012. "Sou dessas acumuladoras que não jogam fora nem papel de embrulho e barbante. Vou adorar abrir meu baú e dividir aquilo que as traquitanas contam com quem for visitar", afirma Rita. "É muito emocionante. Tem uma parte dessa história que vivi com ela. Então, ver essas roupas, esses momentos tomarem vida, é muito interessante. São personagens, também, de meus sonhos e imaginação. Isso mexe diretamente com minha emoção", diz João Lee.

TELEVISÃO

Bolsonaro = Chiqueirinho = Pig-Pen

Jimmy Kimmel é um dos mais populares apresentadores de TV nos EUA. Em seu programa, na terça-feira 21, ele ironizou com inteligência a recusa de Jair Bolsonaro em se vacinar contra a Covid-19. Exibiu a imagem do personagem Chiqueirinho (acima), criado pelo cartunista americano Charles M. Schulz. Chiqueirinho (Pig-Pen, em inglês) está sempre sujo e em meio à poeira.

27 milhões de procedimentos não emergenciais na área da saúde deixaram de ser realizados em 2020 devido à indispensável, justa e humana prioridade que teve de ser dada aos pacientes de Covid. Foram adiados **16,6 milhões** de diagnósticos (sobretudo de câncer), **1,2 milhão** de pequenas cirurgias e **210 mil** transplantes. Os dados são do CFM.

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
EDITOR EXECUTIVO: Marcos Strecker

EDITORES: Felipe Machado, Ricardo Chapola (Brasília) e Vicente Vilardaga
REPORTAGEM: André Lachini, Eudes Lima, Fernando Lavieri, Mariana Ferrari, Taísa Szabatura e Vinicius Mendes
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Camilla Frisoni Sola
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso
PROJETO GRÁFICO: Marcos Marques

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Reportagem: Alan Rodrigues, André Ruoco, Heitor Pires, Larissa Pereira, Leticia Sena, Rafael Ferreira e Vinicius Moreira da Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Adi Leite
Pesquisa: Mônica Andrade (Colaboradora)e Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Mauricio Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano - Dandara Representações - **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira - 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes - RR Gianoni Comércio & Representações Ltda - **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

ANER
www.aner.org.br

Capa/Governo

Presidente perde apoio de aliados e moderados e é empurrado para o extremo por seu próprio discurso radical. Sua tábua de salvação é a economia, mas aí também as perspectivas são negativas

Marcos Strecker e Eudes Lima

CADA VEZ MAIS ISOL

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: LÉZIO JÚNIOR

SOZINHO
Bolsonaro na Câmara dos Deputados: até o núcleo mais fiel encolheu, de 17% para 11%, segundo o Datafolha

FOTO: JONNE RORIZ

Líderes habilidosos conseguem antever a evolução do eleitorado, mudando sua estratégia para sobreviver politicamente ou se reposicionar em função de novos tempos ou um novo jogo de forças. Não é o caso de Jair Bolsonaro. Ele não foi capaz de ampliar sua base de apoio desde o início do mandato. Manteve um governo direcionado para o seu eleitorado mais fiel e não se preocupou em modular o discurso para abarcar o conjunto da população. Radicalizou suas pautas conservadoras e negacionistas e negligenciou o básico, a gestão do dia a dia e da economia. Com isso, afastou o centro e os moderados. Até os conservadores desembarcam. Sua base de apoio é cada vez mais radical, e menor.

É o que confirmou a última pesquisa Datafolha. A rejeição bateu o recorde de 53%. O instituto registra que sua reprovação disparou 21 pontos percentuais desde dezembro. Nesse período, a aprovação despencou 15 pontos percentuais, de 37% para 22%. Segundo o Ipec, a desaprovação subiu dez pontos percentuais em sete meses, alcançando a marca de 68%. Nada menos que 69% dos entrevistados disseram que não confiam no chefe do Executivo, alta de sete pontos percentuais em relação a fevereiro.

O grupo de apoio do presidente está se estreitando. Aqueles que o seguem incondicionalmente eram 17% em agosto de 2020, segundo o Datafolha. Agora, são 11%. Sua popularidade é sustentada em linhas gerais por esse segmento, pelos evangélicos e pelos habitantes beneficiados pela explosão do agronegócio nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sul. Mas entre os evangélicos sua aprovação também derrete. Há noves meses, a aprovação nesse grupo era de 40%, diz o Datafolha. Atualmente, é de 29%, tombo surpreendente de 11 pontos percentuais. Nas regiões Norte e Centro-Oeste, a rejeição subiu de 41% para 48%. As principais pesquisas têm mostrado cenário semelhante. Em agosto, a XP/Ipespe mostrou que a rejeição subiu 23 pontos percentuais em dez meses, atingindo 54%.

EM NOME DE DEUS Coalizão Evangélica contra Bolsonaro protesta em Pernambuco, em julho passado

O desgaste ao longo do mandato é natural entre todos os governantes, mas não é apenas isso o que acontece com Bolsonaro. O Datafolha apontou que sua avaliação negativa no terceiro ano de mandato só é superada por Fernando Collor, que tinha rejeição de 68% neste momento como presidente. O sinal mais recente de isolamento aconteceu com o afastamento dos grandes empresários e banqueiros no último Sete de Setembro, quando a Febraban e entidades empresariais criticaram o clima de instabilidade institucional e as ameaças ao STF. É um fato inédito que os maiores representantes do PIB ressaltem seu distanciamento de um governante. O recuo de Bolsonaro com a carta pacificadora escrita por Michel Temer distendeu o ambiente, mas não reaproximou o mandatário do setor produtivo, principalmente por causa da volta da inflação e da falta de rumo na política econômica.

O afastamento é flagrante entre seus apoiadores mais próximos. O ex-deputado Alberto Fraga (DEM), líder da bancada da bala e amigo de quatro décadas, traçou uma linha após um drama familiar: a morte da mulher, de Covid. Ele critica o presidente pela forma como lidou com a pandemia e pela falta de sensibilidade com os doentes. Chegou a bloquear o presidente no WhatsApp. O sentimento é o mesmo entre antigos aliados próximos e entre os parlamentares que se empenharam para que chegasse ao Planalto. Uma das deputadas mais fiéis, Dayane Pimentel, ex-presidente do PSL na Bahia, resume a frustração. "Deixei de apoiar quando ele escanteou políticos limpos em detrimento dos conchavos com figurões do Centrão, para blindar a própria família", afirma. "É uma frustração total. Estamos num País bagunçado, sem perspectivas e com um clima de guerra civil."

A onda bolsonarista em 2018 foi impulsionada em grande medida pelos movimentos que defendiam uma nova política, mas o encanto inicial deu lugar à crítica feroz. Agora, a pauta que os une é o impeachment. Luciana Alberto, líder do Vem pra Rua, diz que Bolsonaro se apresen-

tava como candidato de renovação e defendia as pautas do movimento, mas o grupo não pode ser conivente com corrupção ou crimes contra a democracia. "Nós retrocedemos, parece que estamos vivendo em 2017 com a corrupção de novo instalada e o desmonte das leis. Estamos com as instituições mais fracas, aparelhadas por militares", diz. O coordenador do Movimento Brasil Livre (MBL) Rubinho Nunes aponta uma sucessão de erros do presidente, como a interferência no Coaf e a atuação para blindar a corrupção do filho Flávio. Também lembra o abandono das promessas de campanha, como a redução da máquina pública e as privatizações. Para ele, Paulo Guedes está afundando o País. "A gente vê uma sucessão de erros que é muito mais próxima de um governo Dilma do que se esperaria de um governo minimamente liberal. E quando vem a pandemia, foi uma tragédia a negligência, o superfaturamento das vacinas e toda uma gestão criminosa."

DE ALIDADOS A CRÍTICOS Vem pra Rua agora luta pelo impeachment, mas acha que manifestações contra Bolsonaro podem fazer o jogo de Lula

NOVA POLÍTICA SE REBELA

Nenhum dos dois grupos deve participar da manifestação prevista para o dia 2 de outubro, organizada por 16 partidos (incluindo PT, PCdoB, PDT, DEM, PSB, Rede, PSOL, PSDB, Novo, Cidadania e PV) sob a bandeira "Direitos Já", um desdobramento dos atos de 12 de setembro que tiveram uma participação modesta. Eles consideram que esse movimento está sendo desvirtuado para servir ao interesse do ex-presidente Lula. "É só uma cortina de fumaça para tentar roubar a pauta das manifestações e trabalhar o projeto político dele", diz Nunes. "O PT não quer o impeachment. Agiu para sabotar o 12 de setembro. Quer o ambiente político como está. A candidatura do Lula necessita da candidatura do Bolsonaro", diz. É a mesma opinião da representante do Vem pra Rua. "Defendemos uma alternativa de terceira via", afirma Luciana. Posição diferente tem outro grupo de renovação política, o Livres. "É hora de deixarmos de lado nossas divergências, suspendendo os palanques eleitorais, para construirmos uma coalizão inspirada no legado das Diretas Já. O Brasil não aguenta mais os crimes de Jair Bolsonaro contra a democracia e a Constituição", divulgou o grupo.

O presidente do PDT, Carlos Lupi, que tenta impulsionar a candidatura Ciro Gomes, concorda com o Livres. "A ideia é ser um ato plural em que todos estejam unidos pela saída do Bolsonaro", afirma. O recuo de Bolsonaro após o Sete de Setembro enfraqueceu a união pelo impeachment, quando pela primeira vez se vislumbrou uma real ação suprapartidária. É o que apontou o presidente do PSD, Gilberto Kassab. Mas o enfraquecimento de Bolsonaro se aprofunda, assim como sua provável incapacidade de se recuperar. Isso determina o jogo em Brasília. O governador João Doria (PSDB), que participou no dia 12, deixou até de mencionar Bolsonaro no lançamento de sua pré-candidatura presidencial, preferindo centrar fogo contra o PT. A fusão do PSL com o DEM, que criará a maior bancada do Congresso, também tende a isolar os aliados do presidente. E a oposição a Bolsonaro já faz o Novo e próprio PSDB expurgarem os aliados do mandatário. Até entre líderes do Centrão começa a se discutir a possibilidade de ele não concorrer, em função do derretimento.

Isso é pouco provável, já que o presidente direcionou toda a sua gestão para um segundo mandato. Um dos fundadores do Novo, João Amoêdo, que desistiu de se candidatar e passou a defender o impeachment no ano passado, aponta que a economia vai ser determinante. "Havia a questão da Covid, mas acho que está superada". Para ele, a recuperação que se imaginava depois da vacinação não acontece porque há inflação. "Estamos num ambiente político conturbado, com dólar, inflação e taxa de juros em alta, e começamos a ter o preço de commodities caindo, especialmente o minério de ferro. O presidente não consegue trazer empregos e mudar a vida das pessoas. Ele acabou com a esperança. Excluindo-se o grupo que é muito fiel a ele, a realidade está chegando às pessoas, mesmo que com algum atraso."

FOTOS: MARCELINO LUIS/FOTOARENA; PILAR OLIVARES/REUTERS/FOTOARENA

O diretor do Instituto Paraná Pesquisas, Murilo Hidalgo, concorda com o diagnóstico. "O Bolsonaro cai muito nas avaliações por causa da economia. Se a população estivesse com dinheiro no bolso, ele poderia continuar a falar besteiras. Com o Lula tinha corrupção e a popularidade ia bem. Hoje, se a economia continuar assim, acabou", sentencia. Ricardo Ismael, cientista político da PUC-RJ, diz que a economia começa a influenciar as ações do presidente e justifica a queda dele nas pesquisas." O especialista ainda considera que o discurso golpista é um problema para os próprios eleitores do presidente. "Bolsonaro recuou porque apenas uma minoria apoiaria um golpe. Não teria apoio nem entre os eleitores dele. Seria um nocaute. Parou de esticar a corda porque está se isolando cada vez mais", afirma. Ismael também vê outros fatores de desgaste. "Hoje, a CPI da Covid já chega no presidente. O discurso dele está desconstruído. Foi candidato outsider e se construiu no público antipetista, mas hoje ele não se escora em nenhuma base contra a corrupção. O sujeito mais simples deseja que a vida dele não piore", afirma. Por isso, o presidente passa a encontrar nos benefícios sociais uma tábua de salvação. "Ele está correndo para subsidiar gás e eletricidade. Senão, vai perder todo o apoio do homem simples. Sem resolver os problemas econômicos, ele não vai ser competitivo para 2022", diz.

A crise econômica também pode explicar parte do desgaste entre os evangélicos, argumenta o pastor Ariovaldo Ramos, da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito (que nunca apoiou o presidente). "Os evangélicos estão retirando o apoio primeiro pela pandemia. Morreram, proporcionalmente, mais que a média brasileira porque aderiram ao negacionismo. Ele foi difundido dizendo-se que se você tem fé, está imune. Isso foi crueldade um crime contra uma população que emprestou a sua fé ao presidente." Outro motivo, para o religioso, é a questão financeira. "Há aumento da miséria, e quem perde com isso são os mais empobrecidos. A igreja evangélica é basicamente formada por negros, mulheres e pobres. Foi o grupo que mais sofreu com as questões econômicas", defende. Mas os evangélicos também se afastam por outras razões. A Igreja Universal distanciou-se de Bolsonaro porque acha que ele não a apoiou nos conflitos em Angola. Até os caminhoneiros não têm a

EX-APOIADOR Para Lobão, "missão é tirar Bolsonaro e fazer o Brasil sair desse loop tóxico da polarização entre petistas e bolsonaristas"

A BASE DE APOIO ENCOLHE

Presidente continua a perder antigos aliados

EVANGÉLICOS

Grupos poderosos como a **Igreja Universal** se afastaram do presidente por terem interesses contrariados. Nesse caso, porque ele não teria defendido essa denominação em Angola

PARTIDOS

O **PSL**, partido que elegeu Bolsonaro, foi um dos primeiros a se afastar. DEM, MDB, Novo e PSDB ainda têm deputados leais ao presidente, mas se afastarão até 2022. Bolsonaro fracassou em criar seu próprio partido

NOVA POLÍTICA

Grupos de renovação política contrários ao PT, como **Vem Pra Rua (VPR)** e Movimento Brasil Livre (MBL), apoiaram a eleição, mas hoje estão entre os maiores críticos

FOTOS INFOGRÁFICO: MADISON L. PEREIRA/WIKIMEDIA COMMONS; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; CHARLES SCHOLL/BRAZIL PHOTO PRESS/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; MARLENE BERGAMO/FOLHAPRESS; MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

EMPRESÁRIOS

Banqueiros e grandes empresários embarcaram no projeto liberal de Paulo Guedes, mas se afastaram com o fiasco das reformas, a crise econômica e os ataques à democracia. Febraban e **Fiesp** abandonaram o adesismo histórico

ARTISTAS

O cantor Lobão e o ator **Carlos Vereza** estão entre os artistas que apoiaram e ficaram decepcionados com Bolsonaro. Regina Duarte saiu chamuscada da Secretaria de Cultura

OS PRIMEIROS

Parlamentares eleitos na "onda bolsonarista" romperam e viraram inimigos, como **Joice Hasselmann,** Alexandre Frota, Junior Bozzella, Kim Kataguiri, Delegado Waldir, Fausto Pinato e Major Olimpio (que faleceu de Covid)

EX-ALIADOS

Aliados de primeira hora desembarcaram logo no início do governo, como o empresário Paulo Marinho, o ex-Secretário-Geral Gustavo Bebianno e os generais **Santos Cruz** e Otávio do Rêgo Barros

TRAÍDOS Caminhoneiros bloquearam estradas após o Sete de Setembro, mas se sentiram enganados com o recuo do presidente

mesma ligação. Conhecido por Chorão, o presidente da Associação Brasileira de Condutores de Veículos Automotores, Wallace Landim, demonstra arrependimento. "Fizemos campanha para o presidente, colocamos faixa nos caminhões. Mas percebemos que tudo o que beneficia os caminhoneiros não tem caráter de urgência, enquanto o que é bom para os grandes empresários tem prioridade", publicou em dezembro de 2020. O caminhoneiro Zé Trovão ficou famoso na preparação do Sete de Setembro, mas muitos afirmam que ele não tem representatividade na categoria. E os caminhões que foram usados na Esplanada dos Ministérios, assim como para bloquear estradas, eram em grande parte de produtores, e não dos autônomos. Apesar de empresários de soja terem apoiado a manifestação golpista, entidades do agronegócio estiveram entre os maiores críticos do presidente.

O mandatário tem até o momento afastado o risco de impeachment com o apoio do Centrão, que lhe garantiu controle sobre a presidência da Câmara. Mas o próprio acordo pode ser fragilizado pelo aumento da impopularidade. Bolsonaro teve que ceder um poder inédito aos parlamentares, e depende do bilionário orçamento secreto, entregue ao grupo fisiológico, para assegurar sua fidelidade. Porém, a ministra Rosa Weber do STF poderá acabar com essa aberração. Além disso, o arranjo com o Centrão se enfraquece no início do próximo ano, quando o poder de barganha do presidente diminui. Terá de acelerar a distribuição de cargos e ministérios, o que vai enfraquecê-lo ainda mais, tornando-o refém.

Tudo isso é um péssimo sinal para sua reeleição. Cada vez mais o presidente é empurrado para o extremo. Ele conta com uma base cada vez menor e mais radicalizada. Sua briga pela sobrevivência depende de uma parcela minoritária capaz de muito barulho, mas sem força para garantir a perpetuação no poder. Bolsonaro já chegou ao Planalto, um lugar que nunca esperava alcançar. Não terá a mesma sorte duas vezes. ■

FOTOS: REPRODUÇÃO; JULIANA ARREGUY/UOL/FOLHAPRESS

VEX

TIMES SQUARE Na região turística da Broadway, caminhão circula exibindo críticas ao presidente pela destruição da Amazônia

AME na ONU

IMPROVISO Bolsonaro come pizza na calçada porque não foi vacinado

Assembleia Geral é uma ocasião ímpar para os países se posicionarem diante das potências. Mas Bolsonaro preferiu falar aos seus próprios seguidores, distanciando-se ainda mais da comunidade internacional. Ao insistir no negacionismo, espantou delegações e virou chacota para a imprensa mundial

Eudes Lima

FOTOS: THIAGO DEZAN; REPRODUÇÃO

CLIMA Cartazes criticam o brasileiro e chamam atenção para a questão do meio ambiente

A tradição de abrir a Assembleia Geral das Organizações das Nações Unidas (ONU) é uma honra concedida ao Brasil desde o início. Mas ela se transformou num vexame internacional para o País na 76ª edição do evento, que aconteceu em Nova York. Ao invés de exibir dados positivos e críveis sobre o Brasil, Bolsonaro contou inverdades sobre a pandemia e a defesa do meio ambiente, contradizendo sua própria prática amplamente conhecida no exterior. A consequência será um isolamento ainda maior do seu governo. Não foi o único vexame. Os chefes de Estado de todas as delegações chegaram aos EUA devidamente vacinados contra a Covid e apresentaram os comprovantes de imunização. A única exceção foi o presidente brasileiro. Bolsonaro insistiu na tese de que tem anticorpos contra a doença para os interlocutores e manteve o discurso negacionista frente à pandemia na própria tribuna da ONU, para espanto das outras delegações e da imprensa mundial.

Antes mesmo de chegar a Nova York, o brasileiro provocou polêmica. O prefeito da cidade, o democrata Bill de Blasio, foi enfático e disse que sem se vacinar o mandatário nem precisaria ir até a cidade. As regras são rígidas na Big Apple e sem o cartão de vacinação há muitos limites. Bolsonaro teve que entrar no hotel onde estava hospedado pela porta dos fundos. Quando quis comer pizza, foi obrigado a ficar na calçada e depois improvisou um puxadinho na área externa para saborear um rodízio numa churrascaria de origem brasileira.

Diferentemente da recepção costumeira aos chefes de Estado brasileiros, Bolsonaro não foi recebido pelo presidente Joe Biden. Mas o ex-capitão conseguiu um encontro com premiê britânico. Também aí se saiu mal. Boris Johnson elogiou a vacina AstraZeneca, desenvolvida pela Universidade de Oxford. A vacina é produzida no Brasil em parceria com a Fiocruz. "É uma ótima vacina. Obrigado, pessoal. Tomem vacinas da AstraZeneca." Johnson disse que havia tomado a vacina "duas vezes". Na conversa, o premiê aponta para Bolsonaro e perguntou se o brasileiro também tinha tomado. O mandatário respondeu "ainda não", constrangido, balançando o dedo. Foi o suficiente para se transformar numa grande piada para os tabloides britânicos.

Johnson estava certo em indagar sobre a vacinação. Na reunião estava presente o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, que depois confirmou estar contaminado com o coronavírus. Queiroga ficará em quarentena por 14 dias em Nova York, tudo pago pelo contribuinte. Antes ele deu um espetáculo de má educação. Utilizou o dedo médio para fazer gestos obscenos a manifestantes que protestavam contra o governo brasileiro. O senador Renan Calheiros (MDB), relator da CPI da Covid, disse que o "gesto obsceno de Queiroga não deixa dúvidas: ele já foi abduzido pelas trevas. É um caso perdido". O deputado Eduardo Bolsonaro também foi vaiado dentro da loja da Apple na 5ª Avenida. Os manifestantes que encontraram o deputado gritavam "fora Bolsonaro" e diziam que o filho do presidente é uma "vergonha para o Brasil".

A performance da comitiva foi lamentável, segundo especialistas. A professora de Relações Internacionais Carolina Pavese lembra que a Assembleia da ONU é o único lugar em que os países menos hegemônicos têm o mesmo espaço das grandes potências. Nesse palco, o presidente "se firmou como um pária, numa situação absolutamente vexatória que vai reforçar a má imagem que se tem do Brasil, como um País que abandonou uma diplomacia que já foi motivo de orgulho", afirmou.

DISCURSO FANÁTICO

O discurso do presidente foi avalizado por ele e seu filho, o deputado Eduardo. O conteúdo serve à base fanática do bolsonarismo e não fortalece o País como um interlocutor internacional. Ao contrário, trata-se de um estelionato político que incrimina Bolsonaro. Apesar de o incentivo a remédios sem comprovação científica estar na mira da CPI da Covid, Bolsonaro manteve a defesa do tratamento precoce. Contraditoriamente, o discurso enfatizou a vacinação, que ele mesmo desprezou em várias oportunidades. Bolsonaro disse que defendeu "o combate ao vírus". É mais uma contradição, pois é sabido que ele foi contrário às medidas sanitárias que poderiam diminuir

PROTESTO Brasileiros exibem faixas no hotel onde a comitiva estava hospedada

VAIADO Deputado Eduardo Bolsonaro foi hostilizado dentro de loja da Apple: "vergonha para o Brasil"

COBRANÇA O premiê britânico questionou se o ex-capitão tinha se vacinado

as mortes, quase 600 mil. Ele ainda tentou atribuir o problema da inflação às medidas restritivas, o que nenhum economista sério defende. Sobre o desemprego, omitiu que seu governo é responsável pela pior média dos últimos 30 anos.

A Assembleia seria uma boa ocasião para o Brasil se retratar dos descuidos com o meio ambiente, mas isso não aconteceu. Esse é um dos principais problemas de imagem do País. Reforçando esse fato, na Times Square, um caminhão exibiu um luminoso com a frase: "Amazônia ou Bolsonaro". Cartazes pela cidade também apontaram o presidente como "criminoso do clima". Na ONU, Bolsonaro desinformou sobre os investimentos na área. Afirmou que dobrou os recursos para o setor, quando na verdade os reduziu em 35%. A omissão sobre a demarcação de terras indígenas ficou escondida sob a alegação de que 600 mil nativos vivem em liberdade. A ex-senadora Marina Silva reagiu indignada: "ele mentiu sobre povos indígenas, cuidados à Amazônia, meio ambiente e sucessos na economia".

Sobre o sensível tema dos Direitos Humanos, o presidente abordou três temas controversos: racismo, refugiados e democracia. Defendeu o combate ao racismo, mas o próprio presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, já chegou a pedir o fim do movimento negro. Sobre os refugiados venezuelanos que entraram no País durante a pandemia clandestinamente, Bolsonaro disse que o Brasil "sempre acolheu os os cidadãos do país vizinho". Por fim, disse que milhões foram às ruas para defender o governo e a pauta democrática no Sete de Setembro. Trata-se de mais uma falácia. Não foram milhões. Em São Paulo, o número estimado foi de 125 mil participantes na Avenida Paulista. A pauta dos bolsonaristas também não é democrática. O fechamento do STF e a implantação de um governo militar sem eleições é um pedido recorrente do mandatário e dos seus súditos. Os opositores, ao contrário, pedem democracia.

Contudo, é no tema da corrupção que a desfaçatez ficou mais escancarada. Ele disse que o Brasil está "há dois anos e oito meses sem qualquer caso concreto de corrupção". Além das rachadinhas em que a própria família é investigada, a CPI da Covid apura corrupção ativa na compra das vacinas e todas as medidas de combate a corrupção anunciadas pelo governo federal foram travadas pelo mandatário, que aparelhou a Polícia Federal para resguardar seus amigos. Ao fim do discurso, o púlpito em que Bolsonaro falou foi higienizado e o microfone foi trocado para que Joe Biden ocupasse o lugar, conforme divulgou o *Wall Street Journal*. Bolsonaro tinha uma coletiva de imprensa marcada, mas antecipou a volta ao Brasil e cancelou o compromisso. Depois de tanta vergonha, o retorno repentino foi a melhor notícia. Em seguida, o presidente precisou ficar recolhido por ter mantido contato com Queiroga. ■

BASEADO EM MENTIRAS

Fala do presidente apresentou um Brasil fictício ao mundo

1. Divulgou que dobrou o investimento na fiscalização do meio ambiente, mas diminuiu em 35% os recursos

2. Disse que combateu a pandemia e incentivou a vacinação. No entanto, defendeu uso de remédios ineficientes, como a cloroquina, e atacou as medidas de isolamento social

3. Afirmou que acabou com a corrupção. Contudo, a sua família é investigada nas rachadinhas e a CPI da Covid aponta corrupção na compra das vacinas

FOTOS: REPRODUÇÃO; NIYI FOTE/THENEWS2/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO; MICHAEL M. SANTIAGO/GETTY IMAGES VIA AFP

VACINAS SUPERFATURADAS

CPI DA COVID FECHA O CERCO AO GOVERNO

TRATAMENTO PRECOCE

GABINETE PARALELO

O relatório final da comissão de investigação no Senado deve indiciar Bolsonaro por sete crimes contra a saúde pública: outros 30 integrantes do governo também serão denunciados ***Ricardo Chapola***

INDICIAMENTOS Aziz, Humberto, Randolfe, Otto e Renan (da esq. à dir.): a cúpula da CPI prepara o relatório final

FOTOS: PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO; LEOPOLDO SILVA/AGÊNCIA SENADO

Na reta final de encerramento dos trabalhos, a cúpula da CPI da Covid no Senado foi surpreendida com novos fatos que vieram à tona esta semana e que têm potencial para incriminar ainda mais o presidente Jair Bolsonaro por sua gestão criminosa posta em prática durante a pandemia. Diante dos episódios envolvendo o estudo da Prevent Senior, acusada de usar a hidroxicloroquina para o tratamento de seus pacientes com Covid, levando-os à morte, os senadores ficaram convencidos de que as irregularidades contaram com a conivência do governo, o que agravará a situação do mandatário no relatório final que está sendo elaborado pelo senador Renan Calheiros. Além do crime de prevaricação, Bolsonaro será denunciado ainda por outros sete ilícitos penais contra a saúde pública, fechando-se assim o cerco da comissão parlamentar ao presidente e ao seu entorno.

Tratado como um dos assuntos mais sensíveis da investigação até agora, o caso da Prevent Senior ofereceu à CPI maior segurança para enquadrar Bolsonaro pelo crime de genocídio. A operadora de saúde ocultou a morte de nove pacientes que participaram de um estudo voltado para provar a eficiência da cloroquina no tratamento da Covid-19 e médicos denunciaram que foram coagidos pela empresa a receitar a substância indevidamente. Bolsonaro apoiou a pesquisa e chegou a elogiar a iniciativa nas redes sociais, sem citar as mortes provocadas pelo uso da cloroquina e outros medicamentos considerados ineficazes no combate ao vírus.

Em depoimento à CPI na quarta-feira, 22, o diretor-executivo da Prevent Senior, Pedro Batista Júnior, admitiu que a operadora de saúde alterou fichas de pacientes internados em hospitais da rede para retirar o registro de que o paciente estava com Covid, inserindo outras doenças no lugar. Os senadores consideram que o executivo confessou um crime e por isso ele saiu do Senado na condição de investigado.

Além do diretor da Prevent Senior, outros 30 nomes já constam como indiciados no relatório que está sendo elaborado pelo senador Renan Calheiros. O número de acusados pela CPI pode aumentar até a primeira semana de outubro, quando a comissão pretende apresentar o documento. Outro que passou à condição de investigado foi o ministro da Controladoria-Geral da União (CGU), Wagner Rosário. Suspeito por prevaricação no caso da Covaxin, o ministro prestou depoimento à CPI na terça-feira, 21, e provocou um grande tumulto na comissão. Questionado sobre sua atuação na investigação sobre a compra da vacina indiana, Rosário bateu-boca com parlamentares e ofendeu a senadora Simone Tebet (MDB-MS), ao chamá-la de "descontrolada", o que gerou uma forte reação dos senadores.

FAMÍLIA INVESTIGADA

Os senadores devem ainda incluir no rol de investigados o filho 04 do mandatário, Jair Renan, e sua mãe Ana Cristina Valle, ex-mulher de Bolsonaro. Ambos foram citados no depoimento do advogado Marconny Albernaz Faria, apontado como lobista da Precisa Medicamentos. Faria disse que mantém relação de amizade com Renan, Ana Cristina e Karina Kuffa, advogada do clã. Mensagens do celular de Faria apontam que Ana Cristina entrou em contato com o Palácio do Planalto para influenciar no processo de escolha do Defensor Público-Geral Federal. A previsão é de que os depoimentos da ex-mulher do mandatário e do 04 aconteçam na semana que vem.

DESRESPEITO A senadora Simone Tebet (à esq.) reagiu ao ministro Wagner Rosário (CGU), que a chamou de "descontrolada": machismo

Como a CPI necessita ser concluída até o próximo dia cinco de novembro, os senadores preparam uma estratégia para avançar nas investigações que não ainda estão pendentes. O plano é reunir mais informações para que outras autoridades continuem as apurações. O colegiado encaminhará o relatório final a tribunais internacionais, à Polícia Federal, ao Ministério Público Federal e ao Supremo Tribunal Federal. Além disso, vai articular com outros parlamentares da Casa a instalação de outras CPIs. Entre os sete senadores que compõem a cúpula atual, já se fala na criação de outra comissão de investigação para apurar a participação do senador Flávio Bolsonaro em supostos esquemas de corrupção nos hospitais federais do Rio, e outra para apurar as rachadinhas da família Bolsonaro. Os parlamentares querem causar constrangimento ao presidente no cenário internacional, colando a ele a imagem de genocida. No âmbito nacional, a ideia é gerar o maior desgaste possível à imagem do ex-capitão, como forma de inviabilizar sua reeleição. ■

O mistério da casinha

A Secretaria da Cultura destina R$ 4,6 milhões para um projeto de games sem especificar o responsável nem explicar como funcionará. Fontes dizem que é um projeto do filho 04, Jair Renan Bolsonaro

Ricardo Chapola

As iniciativas da área de cultura do governo Bolsonaro são escassas, mas já renderam pelo menos um thriller recheado de mistério. Trata-se da Casinha Games, nome de um suposto projeto que vai receber R$ 4,6 milhões do Fundo Nacional de Cultura (FNC). A transferência desse valor foi publicada na edição do dia 9 de setembro do Diário Oficial da União (DOU) e autorizada pela Secretaria Especial de Cultura, chefiada por Mario Frias e ligada ao Ministério do Turismo, do sanfoneiro Gilson Machado. O valor é praticamente igual a tudo o que esse fundo executou de seu orçamento no ano passado. O responsável pela execução do projeto é a Secretaria de Fomento, comandada pelo PM André Porciuncula, um bolsonarista de carteirinha. Como é comum, a publicação desrespeita as normas de transparência. No texto, não há nenhuma informação adicional sobre a tal Casinha Games.

A reportagem buscou referências sobre ela. No Portal da Transparência, não há qualquer tipo de informação relacionada a esse projeto, como, por exemplo, a pessoa ou empresa responsável por essa iniciativa. Vários empresários do segmento de games ouvidos por ISTOÉ admitiram total desconhecimento sobre a proposta. "Nunca ouvimos falar de Casinha Games. Não fazemos a mínima ideia do que isso seja", afirmou Eliana Russi, gerente executiva da Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Jogos Digitais (Abragames). Não existe ainda qualquer tipo de registro de empresas com esse nome em lugar algum do Brasil, assim como um CNPJ, ou sequer um endereço.

INTERESSE O secretário Mario Frias: "capacitação para jovens de baixa renda"

O assunto "games", no entanto, é algo muito caro ao filho 04 do presidente, Jair Renan, dono da Bolsonaro Jr Eventos e Mídia, localizada nas galerias do estádio Mané Garrincha, em Brasília. Renan tem usado a condição de filho do mandatário para ter acesso livre pela Esplanada dos Ministérios. Tanto que, em agosto do ano passado, ele conseguiu realizar uma reunião com Frias exatamente para tratar de jogos eletrônicos. Jair Renan é, inclusive, investigado pela Polícia Federal pela suspeita de praticar tráfico de influência. O secretário fez questão de publicar uma foto desse encontro em suas redes sociais: "Reu-

FOTOS: MATEUS BONOMI/AGIF/AGIF VIA AFP; DIVULGAÇÃO

NEGÓCIOS Ligado ao setor de jogos, Jair Renan estaria envolvido no projeto Casinha Games

nião com Jair Renan sobre o futuro do e-games". Três pessoas que trabalhavam para a família Bolsonaro confidenciaram à reportagem que a Casinha Games é uma iniciativa de 04. Apresentaram as mesmas versões sobre o que ela seria. Eles apontam que a Casinha Games nada mais é do que uma "empresa de prateleira" - nome dado pelo clã a esse tipo de firma que eles costumam criar de última hora para captar dinheiro do governo, conforme suas próprias necessidades. Na prática, quando alguém do grupo precisa de recurso, a família se articula para garantir o empenho de verbas do orçamento de algum ministério da Esplanada. Uma vez que o dinheiro está reservado, o clã se mobiliza para a criação de um CNPJ que, na calada da noite, se torna o destinatário dessas verbas.

LOBISTAS

Jair Renan conta com a assessoria de Marconny Albernaz Faria, amigo apontado pela CPI da Covid como lobista da Precisa Medicamentos, investigada pela comissão. Um advogado que já foi muito próximo do mandatário disse que esse esquema é organizado durante reuniões e festas das quais 04 e Faria participam na casa de Karina. Ele revelou ainda que, neste caso, o objetivo seria usar os R$ 4,6 milhões destinados à Casinha Games para pagar a mansão para onde Jair Renan se mudou com sua mãe, Ana Cristina Valle, em junho deste ano. "Assim que a verba é empenhada, o 04 e sua mãe tiram a empresa da prateleira e pegam a verba. Eles pretendem quitar a casa financiada que compraram de um corretor laranja que tem um contrato de gaveta", disse. "Esse é o modus operandi da família Bolsonaro", afirmou. Ele citou outras empresas cujos nomes vieram a público recentemente e que guardam muitas semelhanças ao caso da Casinha Games, como o FIB Bank, suposto banco que seria o fiador da Precisa Medicamentos.

Desde que a informação sobre a Casinha Games foi publicada no Diário Oficial da União, Frias não deu nenhuma explicação consistente sobre o projeto. Em entrevista a um jornalista bolsonarista, recentemente, o secretário chegou a ser perguntado sobre o tema e apresentou uma série de argumentos sem fundamento. Afirmou que se trata de uma iniciativa da própria Secretaria, baseada na "capacitação técnica e profissionalizante de jovens de baixa renda". "O projeto da Casinha Games nada mais é do que a vontade que a gente tem, porque ele ainda é um projeto, essa destinação de 4,6 milhões é algo que está previsto no nosso orçamento, como temos outros diversos projetos nesse mesmo orçamento", afirmou Frias, sem dar, mais uma vez, detalhes de como ou quem vai desenvolver essa iniciativa. Questionada por ISTOÉ sobre isso, a pasta não se manifestou. ■

SÃO PAULO

CONTROLE
Para entrar no Pavilhão da Bienal é indispensável apresentar o comprovante de vacinação

Sem passaporte não entra

Oposição do governo federal e de minoria antivacina não impede que documento comprovante da imunização se imponha como norma e comece a ser exigido temporariamente em cada vez mais cidades brasileiras e em várias partes do mundo

Vicente Vilardaga e Fernando Lavieri

FOTOS: MARCO ANKOSQUI; CHICO FERREIRA

Apesar da oposição do governo federal e de um ou outro grupo radical, o passaporte da vacina tem prosperado e ganhado força em várias cidades brasileiras onde existe estratégia de controle para conter a contaminação pelo coronavírus. Pesquisa da Confederação Nacional dos Municípios (CNM) mostra que a maioria dos prefeitos tende a concordar com a iniciativa, exigindo sua apresentação em locais públicos que favoreçam aglomeração, como supermercados, shoppings, estádios de futebol, exposições, convenções e cinemas. O entendimento geral é que a adoção do documento se tornou prioritária na atual fase da pandemia, quando a quantidade de vacinados ainda se mostra insuficiente para reduzir a transmissão a níveis mínimos. Por isso, deve haver um reforço de segurança na circulação de pessoas. Questionamentos econômicos e judiciais à obrigatoriedade de apresentação do passaporte não têm frutificado e tampouco os esforços do Ministério da Saúde para boicotar sua implantação. A questão é simples: com ele, quem está cumprindo as etapas da imunização pode se movimentar sem restrição; os demais, especialmente que é contra a vacina, terão que esperar.

O passaporte pode ser a caderneta física de vacinação ou a carteira digital do ConnectSUS e, como regra geral, está sendo aceito só com a primeira dose, desde que não tenha passado o prazo para tomar a segunda. No Rio de Janeiro entrou em vigor no dia 15 de setembro e deve durar pelo menos até novembro, quando a Secretaria de Saúde espera que 90% dos adultos estejam completamente vacinados, levando à chamada imunidade coletiva. É uma situação, porém, ainda distante de ser alcançada e os números da pandemia mostram que qualquer relaxamento pode colocar muito a perder. Na quarta-feira, 22, o número de óbitos pelo coronavírus no Brasil voltou a crescer. Foram registradas 839 mortes e a média móvel diária subiu para 531, depois de duas semanas de queda. O total de mortos pela Covid-19 no País alcançou 592 mil pessoas. Em contrapartida, até agora, 147,1 milhões de brasileiros tomaram pelo menos a primeira dose da vacina (69,7% da população) e 82,2 milhões, a segunda dose (39%).

Em São Paulo, o documento também é indispensável desde 1º de setembro em qualquer ambiente que possa reunir mais de 500 pessoas e sua exigência deve durar enquanto todos não tomarem a segunda dose, inclusive os mais jovens. Segundo o secretário de Saúde do município, Edson Aparecido, essa forma de controle e acompanhamento epidemiológico tem como objetivo criar um ambiente de segurança para as próprias pessoas que estiverem participando dos eventos. "O comprovante vacinal é uma garantia de segurança para os frequentadores", afirma. A capital paulista avança rápido na imunização, com a totalidade da população mais suscetível vacinada com a primeira dose, num total de 17 milhões de pessoas e mais de 70% com a segunda. Por conta disso, há uma retomada gradual de eventos de maior porte, mas, mesmo assim, jogos de futebol com público, por exemplo, que reúnem dezenas de milhares de pessoas, ainda não foram liberados. "Neste momento, a apresentação do comprovante de vacinação passa tranquilidade tanto aos organizadores quanto aos participantes", diz Aparecido.

PASSEIO SEGURO

Quem quiser entrar na Bienal de São Paulo, por exemplo, no Pavilhão Ciccillo Matarazzo, no Parque do Ibirapuera, e desfrutar de uma das melhores atrações da cidade neste início de primavera só com passaporte na mão e a vacinação em dia. Mas nenhum problema foi registrado até agora, com exceção de um homem de 84 anos que insistiu em participar da exposição no dia da abertura sem o comprovante e foi dissuadido. A imensa maioria das pessoas mostra o documento com alegria, sabendo que está agindo em prol do interesse coletivo. É o caso de Celso de Souza, 56, servidor público aposentado que buscava alguns momentos de diversão segunda-feira, 20, junto com suas noras, Ester e Gabriela. Todos apresentaram o comprovante para entrar na Bienal e diziam se sentir mais seguros com a medida. Em abril, Souza perdeu para a Covid-19 a esposa Rosimeire, 57, e o filho Otávio, 36. Ele também pegou Covid e por pouco se salvou. "Fiquei com 70% do pulmão com-

RIO DE JANEIRO

PROMOÇÃO
O casal Gabriel Serveira e Ana Álvares aproveita uma promoção para clientes totalmente imunizados no restaurante Otto

prometido", lembra. "Precisamos tomar todos os cuidados possíveis para conter essa pandemia de uma vez."

No Rio, embora o passaporte não seja exigido em bares e restaurantes, uma forma divertida e saborosa de se estimular a adesão à vacinação foi criada pelo restaurante Otto, no bairro da Tijuca. Trata-se do "Vacinou, ganhou", promoção em que o cliente que apresentar comprovante com duas doses ou a dose única, consome e recebe alguns mimos, como sobremesas e chopes. "Tivemos um almoço delicioso e seguro", diz a psicopedagoga Marluci Lima, 71, que frequenta o lugar desde a inauguração, há 17 anos, e fez um brinde com chope servido especialmente pelo dono do restaurante, Ottmar Grunewald. Ao lado, o casal Gabriel Serveira e Ana Álvares, ambos imunizados, ele com a dose única da Janssen e ela com as duas da Coronavac, também aproveitavam a comida alemã do lugar. A exigência de comprovante chegou até a Ilha de Fernando de Noronha, onde, a partir do dia 1º de outubro, os visitantes precisarão apresentar o passaporte. Quem estiver imunizado com apenas uma dose deverá mostrar o exame RT-PCR.

As viagens internacionais começam a ser liberadas para brasileiros, mas sem comprovantes de vacinação e testes ninguém irá circular. A partir de novembro, essa será a condição para visitar os Estados Unidos, por exemplo. Vários países europeus têm adotado o passaporte para seus cidadãos e enfrentado protestos de grupos antivacina que o consideram uma limitação dos direitos individuais. Mesmo assim, os governos têm exigido que funcionários dos serviços de saúde e professores tomem a vacina inclusive para preservar seus empregos. Na França, que tornou a vacinação obrigatória, três mil profissionais de saúde foram suspensos do serviço. Os sindicatos questionam a medida e ameaçam deflagrar uma greve geral. Na Itália, o passaporte foi instituído nacionalmente e é exigido desde o início do mês para usuários de transportes coletivos, como trens, ônibus de longa distância, aviões e navios. Professores também são obrigados a portar o passe verde. Em Israel, país que mais avançou na vacinação, o documento é adotado desde fevereiro.

ESTADOS UNIDOS

PASSE LIVRE
Em novembro, o país vai liberar a entrada de brasileiros imunizados, que poderão voltar à Broadway

FRANÇA

CONFLITO
A vacinação se tornou obrigatória e funcionários públicos que se opõem à medida estão sendo afastados dos serviços

Segundo a advogada Lenir Santos, especialista em direito sanitário e colaboradora da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, a exigência de apresentação do passaporte da vacina não agride o direito individual de quem quer que seja, especialmente de pessoas que rejeitam a imunização e podem se sentir impedidas de ir e vir. Há consenso de que, nesta altura, não se pode tolerar um contágio irresponsável por causa de uma reunião de muitas pessoas sem controle ou como o que atingiu o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, que tem uma mentalidade antivacina e minimiza os efeitos das restrições em prol de questões de mercado. "O direito coletivo sempre está acima do individual", afirma Lenir Santos. Ela explica que há outras situações em que a vacinação compulsória acontece sem causar qualquer alvoroço. "Há alguns programas sociais que são atrelados ao compromisso da vacinação", afirma. O que se exige agora é o compromisso de todos para impedir que a pandemia recrudesça. Tomar a vacina envolve um pacto social de proteção mútua que não pode ser rompido. ■

FOTOS: CHARLES SYKES/INVISION/AP; GEOFFROY VAN DER HASSELT/STR/AFP

Os talibãs brasileiros

Pesquisa mostra que mais de 6 milhões de pessoas têm posições ultraconservadoras no País — que, em muitos casos, lembram o grupo violento que voltou a governar o Afeganistão

Vinícius Mendes

BARBÁRIE Defesa do uso de armas, visão ultrareligiosa e mulheres fora do mercado de trabalho: plano conservador

Há pouco menos de um ano, a imprensa internacional reagiu à série de abstenções do governo Bolsonaro em uma resolução contra a discriminação de mulheres da ONU comparando o Brasil ao Afeganistão — que tinha adotado a mesma postura na votação. À época, o país asiático ainda não havia retornado ao poder do Talibã, a facção islâmica sunita que chocou o mundo no fim dos anos 1990 com um regime violento especialmente no quesito gênero. Mas o que até então era uma figura de linguagem aparece agora com contornos reais, que foram observados por uma pesquisa do Instituto Locomotiva publicada há uma semana: nela, 24% dos brasileiros disseram que o Estado deveria ser religioso (cristão). Para quase três em cada dez (28%), o acesso ao porte de armas deveria ser mais amplo, enquanto 17% ainda afirmaram que as mulheres são "melhores" quando estão realizando tarefas domésticas. Ao fim do estudo, então, 7% dos entrevistados haviam concordado com essas três afirmações simultaneamente — que o instituto chamou, renovando a comparação, de "talibãs brasileiros". Em números absolutos, é um microcosmo obscuro de 6,4 milhões de pessoas.

"Na escala do conservadorismo, podemos até dizer que eles são os fascistas", sentencia o cientista político Christian Lynch, professor da Universi-

FOTOS: ADRIANO MACHADO/REUTERS/FOTOARENA; REPRODUÇÃO

dade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). "São pessoas que, para restaurar um passado que acreditam ser o certo, topam qualquer coisa: até pegar em armas", completa. Episódios que escancaram essa postura ultraconservadora pululam habitualmente pelo País: nesta semana, foi a vez de um policial militar da reserva de Santa Catarina, cujo vídeo xingando a ex-esposa e o filho com ofensas racistas viralizou nas redes sociais. Nas imagens, ele diz que "não suporta negros" e, em certo momento, ameaça bater na mulher com um chinelo, chamando-a de "demônio" e "macaca".

No fim de agosto, outro vídeo que rodou pelos aplicativos de mensagens mostra um contexto que poderia, facilmente, ter acontecido em Cabul, capital afegã: durante um ato de mulheres contra feminicídios, no centro de Natal (RN), um vigilante fora do horário de trabalho desceu de uma moto com seu revólver em punho e apontou para as manifestantes até que elas abrissem caminho. Então, ele montou novamente no veículo e desapareceu. "Para essas pessoas, a arma aparece como um instrumento que impede qualquer outro discurso que não seja o delas", diz Lynch. Embora não se enquadrem totalmente no rótulo de talibãs brasileiros, alguns desses tipos conservadores, que conseguem juntar rifles e Bíblia em um mesmo discurso e atacam minorias, são conhecidos. É o caso do apresentador Sikêra Júnior, da Rede TV!, que defendeu por várias vezes a liberação de armas e que enfrenta, desde junho, um processo judicial por ter xingado os LGBTQIA+ de "raça desgraçada". Ele se desculpou pela declaração um dia depois, em meio à debandada dos patrocinadores do programa.

PROTÓTIPO Sikêra Júnior faz defesa abestalhada da liberação das armas e ataca homossexuais:

Outros até ocupam cargos públicos, como é o caso do prefeito de Criciúma (SC), Clésio Salvaro, que após demitir um professor da rede municipal por ter transmitido o clipe da música "Etérea", do cantor paulistano Criolo (que fala sobre homossexualidade), aos alunos, disse que tomou a decisão por "não concordar com viadagem em sala de aula". Na pesquisa do Locomotiva, vale dizer, 70% dos chamados "talibãs brasileiros" disseram justamente que o País não deveria permitir o casamento de pessoas do mesmo sexo. Para Michele Prado, autora do livro "Tempestade Ideológica" (Lux, 2021), sobre a ascensão da direita no Brasil, episódios como esses apontam para um extremismo anti-secular. "São pessoas que também rejeitam uma ordem social em que Estado e Igreja estão separados", diz.

Os dados do Locomotiva ainda desenham um perfil comum do que chamou de talibãs de verde e amarelo: são homens acima dos 60 anos, com diploma universitário que vivem principalmente nas regiões Norte e Centro-Oeste. A metade deles se afirma religiosa e de direita — o que faz sentido quando se observa outras opiniões comuns compartilhadas por essas pessoas: a maioria (67%) acha que a Bíblia define o que é certo e o que é errado e que as polícias devem ter uma postura violenta no combate à criminalidade (54%). "A religião joga um peso grande nessas opiniões, de fato", concorda Prado. "E por isso é um fenômeno que se assemelha ao Talibã". ■

POLÍTICA Prefeito de Criciuma demite professor que apresentou aos alunos clipe que trata da homossexualidade

COMO PENSAM OS RADICAIS

24% dos brasileiros concordam que o Estado deveria ser cristão

28% dizem que mais pessoas deveriam ter acesso ao porte de armas

17% defendem que mulheres são melhores para realizar tarefas domésticas

7% concordam simultaneamente com essas três afirmações. São os "talibãs brasileiros"

Heranças conturbadas

CONFRONTO
Gugu e a família Liberato: filhas queriam comprar um Porsche, mas a tia barrou

Após o luto, muitas famílias se envolvem em brigas judiciais intermináveis pelas posses e fortuna do ente querido. Quando as somas são milionárias e envolvem famosos, a disputa ganha ares de novela e passa a ser acompanhada pelos olhos do público

Taisa Szabatura

A trágica morte do apresentador Gugu Liberato chocou o Brasil. Um acidente doméstico em Miami levou uma das personalidades mais conhecidas e amadas do País, responsável por bem sucedidos programas de auditório desde os anos 1990. Gugu deixou uma herança de R$ 1 bilhão, dinheiro acumulado durante toda a carreira. Enquanto os fãs ainda se inteiravam sobre o acontecimento, outra tragédia se aproximava. Menos de duas horas após o sepultamento do apresentador, em 29 de novembro de 2019, a família se reunia para ler o testamento deixado por ele. A prática não é incomum, mas geralmente acontece após um período de luto. Não foi o caso.

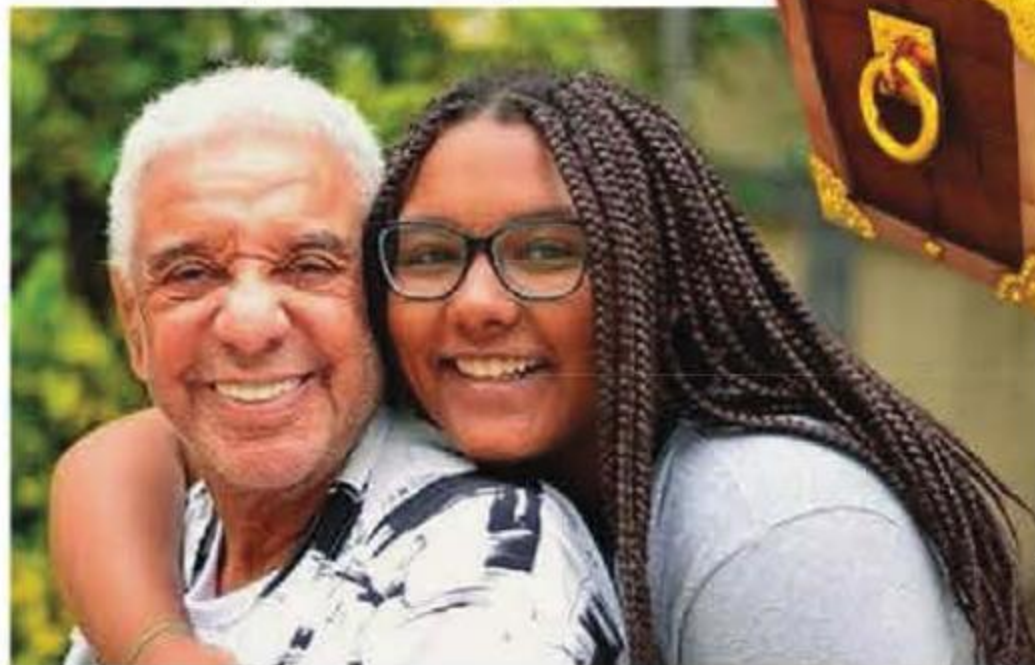
Quando se trata de celebridades, a disputa por heranças é sempre um assunto delicado. O estilista e deputado Clodovil Hernandes desejava que seu dinheiro fosse para uma instituição de caridade, mas processos judiciais travaram o inventário. Apesar de ter filhos biológicos, o cantor Agnaldo Timóteo quis privilegiar a filha adotada. Já o jor-

FOTOS: REPRODUÇÃO INSTAGRAM; REPRODUÇÃO RECORD, ISTOCKPHOTO, EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

nalista Cid Moreira, que está vivo, optou por deserdar os dois filhos.

A herança de Gugu, por suas reviravoltas, é a mais midiática entre elas. O apresentador registrou no testamento a seguinte distribuição de seu patrimônio: 75% para os três filhos e outros 25% distribuídos entre cinco sobrinhos. Não deixou nada para Miriam di Matteo, a mãe de seus três filhos, que dividia a residência em Miami com o apresentador. Ambos cuidavam da criação de João Augusto, na época com 18 anos, e das gêmeas Sofia e Marina, então com 16. Até o espólio da parte que caberia às gêmeas, menores de idade, não iria para Miriam, mas para a irmã de Gugu, Aparecida Liberato.

LAÇOS DE FAMÍLIA

A disputa sofreu uma reviravolta quando o chef de cozinha Thiago Salvático disse à imprensa que tinha uma união estável homoafetiva como o apresentador – e pedia que fosse incluído no testamento. Tanto Thiago quanto Míriam entraram na justiça alegando "união estável" com Gugu. Salvático abandonou o processo, mas Míriam segue confiante – ela não tem sequer um imóvel em seu nome. As gêmeas se rebelaram contra a tia, Aparecida, que não permitiu que elas comprassem um Porsche. Era o sonho de Sofia, mas ela teve de se contentar com outro modelo. Criticada nas redes sociais, a garota explicou que o problema não era o carro de meio milhão de reais, mas o controle financeiro.

Os filhos do jornalista Cid Moreira, decidiram abrir um processo contra a atual mulher do pai, Fátima Moreira. Acreditam que a madrasta está abusando do marido, hoje com 94 anos. Roger, filho adotivo, e Rodrigo, filho biológico, alegam que não estão preocupados com o dinheiro. Desejam, sim, saber se é realmente o pai quem está tomando essas decisões. Exigem que ele seja examinado por um médico: "A Fátima casou com ele com total separação de bens. Ela também não possuía nenhum bem. Hoje ela tem mais de dez milhões de reais em imóveis. Vendeu quase todas as casas do Cid e a residência onde moram hoje é a única que permanece no nome dele. Mesmo assim, está à venda", afirmou Roger à ISTOÉ.

Quem conseguiu fazer valer sua vontade após a morte foi Agnaldo Timóteo. O cantor, falecido em abril, aos 84 anos, deixou 50% da sua fortuna de R$ 16 milhões para a filha de criação, Keyty Evelyn, de 14 anos. Sua família biológica alegou que ele teria feito o testamento sem a orientação de um advogado. Com a finalização do processo de adoção, a garota finalmente ganhou o direito de ser considerada herdeira. Com isso, também conseguiu os 50% descritos no testamento, valor exclusivo para o uso dela. Só a mansão do cantor, localizada na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, é avaliada em R$ 10 milhões. No último dia 16, sua família afirmou que um homem de 50 anos tenta na justiça provar que também é seu filho. Briga familiar é algo comum, mas, no caso das celebridades, o problema é que ela acontece sob os holofotes da fama. ■

CRISE Cid Moreira: jornalista deserdou os filhos, que desconfiam da madrasta

DÍVIDAS Clodovil Hernandez: herança que iria para a criação de um instituto está sendo contestada por credores

FAVORITA Agnaldo Timóteo: metade dos seus bens foram para a filha de criação

Disputa pelo

Interesses políticos, comerciais e econômicos, além de uma absurda e tola briga de egos, transformaram o monumento do Cristo Redentor, localizado no Rio de Janeiro (e um dos principais cartões-postais do Brasil desde a década de 1930), no epicentro de uma disputa entre o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e a Arquidiocese do estado. Tudo começou quando o órgão federal impediu o ingresso do padre Omar Raposo no Santuário, que fica na base do Cristo. Segundo o ICMBio, responsável pelo afluxo de pessoas ao Parque Nacional da Tijuca, o padre não estava devidamente autorizado e nem constava o agendamento de nenhuma missa, casamento ou qualquer outra celebração que justificasse a sua entrada. Ocorre, porém, que Raposo é o reitor do Santuário, o que, por si só, já lhe dá autonomia no local. E, ao contrário do que alegou o ICMBio, havia, sim, um batizado programado.

Diante do impedimento da liberação para que o padre Raposo, os pais da criança e os padrinhos chegassem ao Santuário, o batismo só aconteceu após muita discussão. A Arquidiocese do Rio de Janeiro abriu, então, um boletim de ocorrência contra o ICMBio, alegando intolerância religiosa. Já o padre Raposo não se deu por satisfeito, e viajou a Roma com a finalidade de apresentar o caso às autoridades eclesiásticas do Vaticano. "De maneira recorrente, o padre, bispos e outros religiosos (...) passam por constrangimentos ao tentarem acessar o Santuário", esclareceu a Arquidiocese, em nota pública, na qual também afirma que, no espaço de onze dias, ao menos três funcionários foram igualmente barrados. O ICMBio, por sua vez, declarou que, "por questões (...) de conservação do ambiente, todos os veículos e pessoas que vão às áreas restritas precisam se identificar". O Cristo Redentor é administrado pelos

DECISÃO JUDICIAL
Lojas responsáveis pela venda de souvenirs: fechadas desde junho

CRISTO REDENTOR
ICMBio X Arquidiocese: cada um quer as bênçãos somente para si

Cristo

Em uma relação que envolve lucros e vaidades, o ICMBio e a Arquidiocese do Rio de Janeiro não se entendem na administração do mais famoso cartão-postal do País

Mariana Ferrari

religiosos, e isso abrange o local onde são celebrados casamentos, missas e batizados. Ao ICMBio cabe zelar por toda a área do Parque Nacional da Tijuca. Dessa combinação nascem disputas pelo controle e mando. Segundo a Arquidiocese, uma outra celebração já foi prejudicada pelo ICMBio: "Após a oração, seria oferecido café da manhã gratuitamente aos convidados, mas a entidade federal vetou o acesso à água".

Existem duas maneiras de se chegar ao monumento, e ambas envolvem interesses comerciais. A primeira delas é por meio do Trem Corcovado, da Arquidiocese, que cobra uma taxa oscilando (conforme o dia da semana) entre R$ 27 e R$ 88. Já na segunda opção, o visitante é transportado pela van do ICMBio, a preços que se estendem de R$ 28,20 a R$ 91,40. Na verdade, esse órgão federal está autorizado a cobrar bilhetes para quaisquer pontos do Parque Nacional, mas só a visita ao Cristo é taxada.

A disputa, que agora vem a público e ganhou espaço até na mídia internacional, é longínqua. No ano passado, houve um caso que acionou a Justiça Federal do Rio de Janeiro: o ICMBio reivindicou a reintegração de posse de seis lojas de souvenirs que estão aos pés do Redentor. A Justiça deu-lhe razão, o comércio foi paralisado e as lojas, desocupadas. Após a determinação judicial, qualquer visitante precisa levar a sua própria alimentação, já que não é mais possível comprar nenhum tipo de alimento no local. O atrito não chegará tão cedo ao final, e o monumento, eternizado nos versos "Cristo Redentor, braços abertos sobre Guanabara", compostos por Tom Jobim, terá sua imagem associada muito mais às brigas pelo poder que ao lindo "Samba do avião". A reportagem de ISTOÉ procurou a Arquidiocese e o ICMBio, mas ambos não se manifestaram. ■

BARRADO Padre Omar Raposo: viagem ao Vaticano para denunciar intolerância do ICMBio

NELE, HÁ UM CORAÇÃO

A construção do Cristo Redentor foi uma parceria do Brasil com a França. Por aqui, o engenheiro Heitor da Silva Costa ficou responsável pelo projeto, e, no outro continente, o arquiteto francês Paul Landowski o concretizou. Ou seja: o nosso Cristo, que se tornou um dos principais monumentos do mundo, viu-se esculpido e construído na França. Trazido em partes para o Rio de Janeiro, foi montado e instalado no Corcovado. Isso explica o enorme período de tempo que levou para ficar pronto: de 1922 a 1931. A estrutura de concreto armado, revestida de pedra sabão, custou U$ 250 mil.

Do pedestal até o topo são trinta e oito metros de altura, e vinte e oito metros de comprimento de uma mão à outra. **Sendo assim, o Cristo, estátua Art déco, é o maior protetor do Rio de Janeiro, uma vez que a coroa de espinhos exerce também a função de para-raios.** Vale ressaltar que o seu interior não é composto somente de vigas: no peito, localizado em seu nono andar, existe um coração de 1,3 metro de largura, externamente invisível, feito com azulejos. No interior desse coração está guardada a história de Heitor Levy, mestre-geral da obra. Ele era judeu e, durante a construção, sofreu um grave acidente de carro. Os médicos não acreditavam em sua recuperação. Mas Levy sobreviveu e, como forma de agradecimento, sem abandonar a sua religião, passou a agradecer também ao Cristo que estava montando.

FOTOS: ALEXANDRE MACIEIRA/RIOTUR; HERMES DE PAULA/AGÊNCIA O GLOBO

A REVOLUÇÃO dos queijos

Produção artesanal brasileira, impulsionada por laticínios das serras da Mantiqueira e da Canastra, ganha identidade, qualidade e excelência sanitária e se consagra num dos principais concursos do mundo

André Lachini

ESPECIALIDADE Linha de produção do queijo Santo Casamenteiro, que envolve a produção do soro, do queijo azul e a montagem final em camadas

Inventado pelos sumérios, e desenvolvido pelos romanos com a defumação e outras técnicas de preparo, o queijo é um dos alimentos processados mais antigos da humanidade. No Brasil, há relatos de sua fabricação em várias regiões desde o século 18, mas só agora ele começa a ganhar um padrão de excelência e reconhecimento internacional. No último dia 14, no Mondial du Fromage et des Produits Laitiers, realizado em Tours, na França, 57 queijos brasileiros, 40 deles das serras da Canastra e da Mantiqueira, em Minas Gerais, conquistaram medalhas super ouro, ouro, prata e bronze. O evento francês é um dos três mais importantes do mundo - os outros são o World Cheese Awards, que em 2021 será realizado em Oviedo, na Espanha, e o prêmio da American Cheese Society (EUA). O fato de um número inédito de produtores locais conquistarem medalhas mostra o quanto a produção do queijo artesanal avançou no País, atingindo uma nova etapa de desenvolvimento e reforçando sua identidade. Dos 57 premiados, cinco receberam a medalha máxima super ouro.

Mestres queijeiros brasileiros concordam que a produção artesanal começou a ganhar impulso depois da chamada "normativa 32" do Ministério da Agricultura, que passou a vigorar no final de 2012. Isto aconteceu porque as regras mudaram e os produtores de leite, antes remunerados apenas pelo teor de gordura do produto, passaram a receber pela qualidade, que envolve também o teor de proteína, a contagem de células somáticas e a contagem bacteriana total. Também evoluíram na segurança sanitária e passaram a utilizar a cura não apenas na conservação, mas como uma técnica de geração de sabores, aromas e texturas. Essa mudança aconteceu na Europa em 1976 e foi determinante para a renovação da indústria local.

EMPÓRIO Flavia Rogoski diz que artesanal tem sabor diferenciado

"Nunca se produz um queijo bom com leite ruim. E com a melhora da qualidade da matéria-prima, houve uma melhora gradativa do queijo no Brasil", diz a mestre queijeira e consultora Maria do Céu Alvarenga, que atua no mercado desde 1977, quando se formou no Instituto de Laticínios Cândido Tostes, em Juiz de Fora (MG), um dos mais antigos do Brasil. "Hoje a produção de Minas é a maior do país e os melhores 'terroir' estão nas serras da Canastra e da Mantiqueira." As duas regiões já contam com selos de origem para seus queijos - o equivalente brasileiro da denominação de origem controlada (DOC) de países europeus, como França e Itália.

FOTOS: DIVULGAÇÃO/MUNDO DO QUEIJO; EMILIANO CAPOZOLI; DIVULGAÇÃO /PARDINHO ARTESANAL; ALEXANDRE FACHIN

PROFISSIONALISMO Fábrica da UltraCheese, em Cruzília (MG), teve quatro marcas premiadas na França

SABORES ÚNICOS

Canastra do Ivair
Queijo de massa macia e cremoso por dentro, com casca rústica

Santo Casamenteiro
Montado sobre o queijo minas azul, com recheio de damasco e nozes

Mandala 12 meses
Feito a partir do leite cru de vacas das raças Gir e Jersey, possui sabor amadeirado

Canastra Serjão
Casca crocante e interior com textura cremosa. Exige 100 dias de maturação

Fonte: SertãoBras e varejo

A produção na Mantiqueira começou em 1920, com a chegada de imigrantes dinamarqueses. Eles perceberam que o 'terroir' da região era único, por causa do clima, solo e altitude. "Terroir" é uma palavra francesa que vem de "terre" (terra) e significa que um produto agrícola é feito em determinada região, e por isto tem sabor único e irreproduzível. A palavra é usada para o vinho, mas pode se referir ao queijo, café, tabaco, azeite e outros produtos. A ação humana também pode influir no "terroir". Juliana Jensen, coordenadora de pesquisa e desenvolvimento na UltraCheese, empresa de Cruzília (MG), que produz quatro marcas vencedoras no concurso francês, comemorou especialmente a conquista da medalha super ouro para o queijo Santo Casamenteiro. "Foi um reconhecimento do trabalho da nossa equipe. Ele é feito manualmente, a partir do queijo azul de Minas, e montado em camadas", diz. São feitas 250 peças por dia. O Lenda, outro queijo da empresa, obteve medalha de ouro em Tours. São feitas cinco peças por dia. O avô de Juliana foi um dos dinamarqueses que iniciou a produção queijeira na região.

A procura pelos queijos artesanais tem crescido. Flavia Rogoski, dona do Empório Bon Vivant, no Mercado Municipal de Curitiba (PR), diz que a demanda só cresce e não apenas pelos queijos mineiros, mas também de outros estados. "Isto acontece porque o queijo artesanal, quando bem feito, tem sabores diferenciados. O pequeno produtor sabe desenvolver o 'terroir'", explica. "Em 2014, comecei a vender queijos artesanais da Serra da Canastra. E hoje o queijo que mais vende é o Tulha, da Fazenda Atalaia, no interior paulista", diz. Segundo ela, a região de Sorocaba (SP) também produz bons queijos artesanais. "Acho que os queijeiros dos outros estados, por terem menos tradição que os da Canastra, possuem mais espaço para inovar e serem criativos", opina. Flavia é diretora da SertãoBras, entidade que levou os produtores brasileiros para Tours. Sua percepção é que o queijo artesanal brasileiro tende a ganhar cada vez mais reconhecimento e mercado. A indústria local deu um evidente salto de qualidade. E esse caminho não tem mais volta. ■

PREJUÍZO
Erupção nas Ilhas Canárias destruiu mais de 300 casas e deixou 6 mil desalojados

AMEAÇA VULCÂNICA

Erupção do Cumbre Vieja, nas Ilhas Canárias, faz renascer a velha história de que um tsunami poderia atingir o continente americano, algo quase impossível

Vicente Vilardaga

A erupção do vulcão Cumbre Vieja, nas Ilhas Canárias, na Espanha, gerou imagens impressionantes e tem causado grandes prejuízos na região. O evento, registrado pela primeira vez depois de 50 anos, deixou seis mil moradores desalojados na área atingida pela lava e cerca de 320 edifícios destruídos. O vulcão continua em plena atividade, algo que pode se prolongar por meses. Mas os movimentos sísmicos foram localizados e não causaram um imenso desmoronamento de terra, o que levaria a um fenômeno com grande impacto destrutivo, como se chegou a cogitar, capaz de causar um tsunami no Brasil. Os transtornos causados pela intensificação da atividade do Cumbre Vieja são imensos e a agência espanhola de meteorologia aponta para a possibilidade dos gases vulcânicos, como o dióxido de enxofre, causarem chuva ácida na região.

"Nas Ilhas Canárias há um vulcanismo mais básico, com menos sílica e menos explosivo, como acontece no Havaí", afirma o geofísico Vinícius Louro, professor do Instituto de Geociências da USP. "Para se formarem ondas gigantes com força para chegar ao continente americano seria necessário um deslocamento de um volume imenso de terra, algo quase impossível de acontecer naquelas condições." Em 2001, um estudo aventou a hipótese de que uma erupção no Cumbre Vieja poderia causar um tsunami nas Américas. Um ano depois, porém, o sismólogo George Pararas-Carayannis, presidente da Tsunami Society International, considerou a hipótese exagerada. Segundo ele, um colapso de tais proporções "é extremamente raro e nunca aconteceu na história registrada". A teoria voltou a ser cogitada na semana passada por causa de um trabalho de conclusão de curso (TCC) de autoria de Mauro Reese Filho, da Universidade Federal do Paraná.

"É quase impossível acontecer um tsunami a partir de uma erupção nas Ilhas Canárias"
Vinícius Louro, geofísico da USP

Há relatos de um tsunami no litoral brasileiro causado pelo terremoto que destruiu Lisboa em 1755, matando dezenas de milhares de pessoas. Na ocasião, as ondas gigantes teriam atravessado o Atlântico e avançado cerca de uma légua (6 quilômetros) no território brasileiro. Cartas da época tratam do fenômeno e confirmam que algo realmente aconteceu. Não é completamente impossível que algo parecido se repita com o Cumbre Vieja, mas é mais provável, caso a erupção se prolongue, que a região das Ilhas Canárias se torne um polo de turismo vulcânico. ■

FOTOS: BORJA SUAREZ/REUTERS/FOTOARENA; DIVULGAÇÃO

A volta do

INJEÇÃO DE ÂNIMO
A influenciadora digital Thai de Melo vê no brilho uma forma de melhorar o humor

Para os vacinados, chegou a vez de brilhar — literalmente. Os principais estilistas do mundo apostam no ouro, na prata e nos cristais para trazer vida para um futuro sem vírus e em festa

Taísa Szabatura

Os moletons confortáveis — ou a chamada "Moda Pijama" — que ditou o comportamento do primeiro ano da pandemia estão com os dias contatos. As semanas de moda, o verão europeu e os últimos tapetes vermelhos, como o do baile de Gala do Museu Metropolitan, não deixam dúvida: o metal está de volta. As peças metalizadas já invadiram o Hemisfério Norte e devem aparecer no País de forma massiva em breve: nos tecidos, nos acessórios, nas maquiagens e nos esmaltes. Assim como a agulha das vacinas contra a Covid-19, os metais, sejam eles acinzentados, dourados ou acobreados, com os respectivos brilhos que produzem, são uma forma de libertação do convencional, uma maneira de chamar a atenção para si mesmo.

O estilista Tom Ford ao apresentar a sua coleção na semana de moda de Nova York apostou no exagero de combinações para provar seu ponto — tecidos coloridos que refletem a luz, presilhas brilhantes no cabelo, no pescoço e nos pés. Ao escrever sobre a sua coleção, Ford disse que ela "aparecia demais" ao mesmo tempo em que questionava: "Mas quando é demais ou o suficiente?". O estilista norte-americano afirmou ainda que as roupas atuais são feitas para serem fotografadas e vestidas por uma geração que quer ser vista, não só nas ruas, mas também nas redes sociais. "As peças fotogênicas de hoje, por sua própria natureza, não são nada tímidas. Minhas roupas dessa temporada são sim-

FOTOS: GABRIEL REIS; FARFETCH/DIVULGAÇÃO; LOUIS VUITTON/DIVULGAÇÃO; VERSACE/DIVULGAÇÃO; JP YIN/GETTY IMAGES VIA AFP

metal

ples no corte, mas não no impacto", definiu. Sair de casa após a vacinação é possível - pequenos casamentos começam a acontecer e até as festas já estão liberadas. No Reino Unido, por exemplo, as boates funcionam normalmente, já que a taxa de vacinação é alta e há pouca resistência aos imunizantes.

Antes de pensar que esse estilo não é para você, lembre-se de que o que é visto nas passarelas, muitas vezes, é um exagero de uma tendência que será repetida à exaustão pelo varejo. "É possível entrar nessa ideia aos poucos, apostar nos cintos brilhantes ou com fivelas grandes, no relógio dourado, nos óculos, seja no reflexo prateado das lentes ou nas hastes metálicas", diz a especialista em moda e influenciadora digital Thai de Melo Bufrem. Para ela, o metal é um estilo de vida e algo que a faz ficar "alto astral". Recentemente, após ser assaltada, Thai decidiu pegar um vestido dourado, uma sandália e uma bolsa prateada da Prada, grife italiana comandada por Miuccia Prada, para "dar uma animada". Ela publicou uma foto com o visual para os seus 122 mil seguidores no Instagram. "Queria acabar com o mau humor da situação e consegui", diz. "Sempre que tenho um problema, ou passo por uma situação estressante, coloco um batom vermelho e me encho de dourado".

Se o preto é a roupa do luto, o prateado é a do futuro. Em formato de tecido, ganhou fama com a corrida espacial entre Estados Unidos e União Soviética a partir do final da década de 1950. Imaginava-se que, no futuro, usaríamos roupas diferentes de tudo que era conhecido. A atriz norte-americana Jane Fonda virou febre em 1968 ao encarnar "Barbarella", no filme de ficção-científica de mesmo nome. Ao alvorvir do século 41, a personagem usava botas de cano alto prateadas com um maiô futurista no mesmo tom. O movimento "disco" dos anos 1970 recuperou esse brilho e adicionou outros.

Diversas culturas no decorrer da história da humanidade usaram os metais para adornar os seus corpos, seja como Cleópatra, no Egito, ou como os monarcas europeus e suas poderosas coroas. Ou seja, iluminar o visual não é novidade e as bijuterias são acessíveis no preço. Contudo, chamam a atenção os novos tênis e mochilas da linha masculina da francesa Louis Vuitton que são prateadas e fogem do tradicional marrom da marca. Há na moda - e na maneira como a sociedade se comporta - um sentimento de sair de situações difíceis rompendo paradigmas. Depois da Gripe Espanhola e da Primeira Guerra, vieram os vestidos curtos e cheios de brilho da Era do Jazz, depois da Segunda Guerra, surge Elvis Presley e o rock. Até o movimento punk dos anos 1980 abusou dos "spikes" de metal nos cintos e nas calças para mostrar a sua valentia. Hoje, esses detalhes são marca registrada da luxuosa Valentino que os chama de "studs", uma mistura de pregos com botões. Com a chegada da primavera e do verão, será possível ver até biquínis e maiôs reluzentes - como os da Barbarella - pelas praias do Brasil. Se o País alcançar uma alta porcentagem de imunização e conseguir controlar a pandemia, o brilho só deve dar descanso depois do Carnaval. ■

DETALHES Paletó acobreado de Tom Ford fez sucesso na passarela (ao lado). O cinto da Versace com a cabeça da Medusa renova acessório clássico

BÁSICO Tênis em versões metálicas e até cravejados de brilhantes

OUSADIA Parceria da North Face com a Supreme é puro ouro

PARA VIAJAR Bolsas da linha masculina da Louis Vuitton têm efeito espelhado

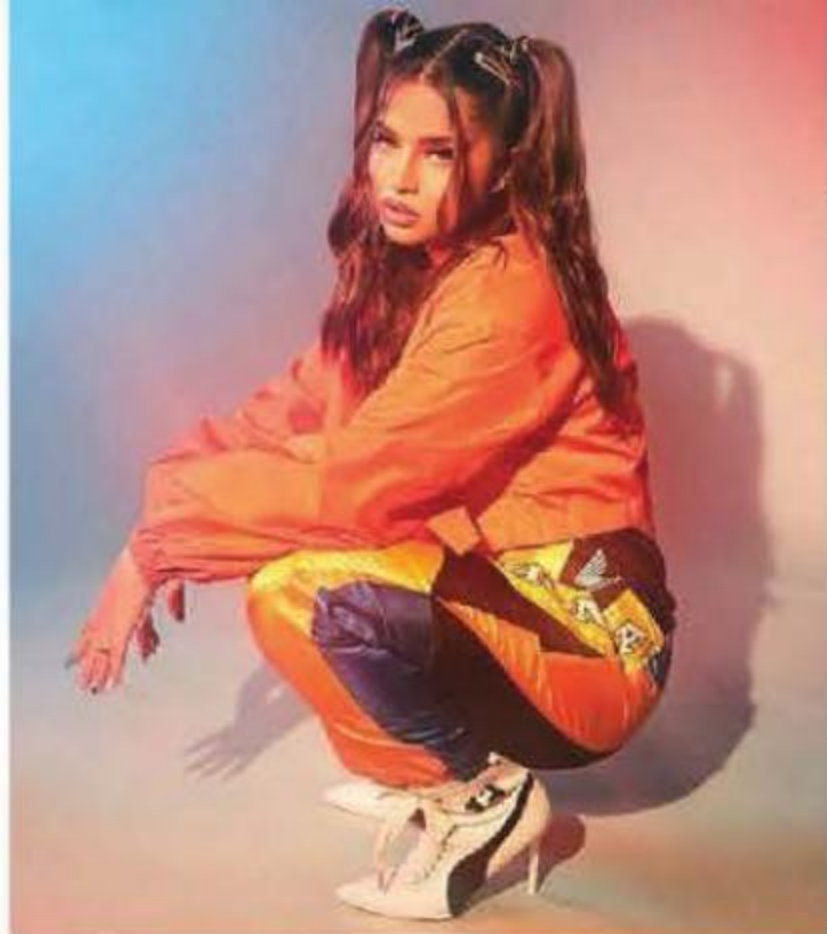
Gente

A atriz mais simpática da Globo

Quando as câmeras começam a rodar, a atriz **Larissa Manoela** vira um fenômeno. Famosa desde a infância por sua carreira na TV e no cinema, a jovem de 20 anos virou assunto nos bastidores da Globo, onde grava sua primeira atração, "Além da Ilusão". Ao contrário da sua personagem mais famosa, a "Maria Joaquina", da novela "Chiquititas", Larissa não sabe ser arrogante com os novos colegas de trabalho e até ganhou nos corredores da emissora o apelido de "Miss Simpatia". Será que, além de seu inquestionável talento, o segredo para tanta popularidade é tratar os outros com educação? Parece uma coisa tão básica...

Aposentadoria latina?

Apesar de manter parcerias com outros artistas, o cantor **Enrique Iglesias** estava há quase sete anos sem lançar um álbum de inéditas. Ídolo absoluto da música latina, Iglesias, aos 46 anos, colocou um nome enigmático no novo trabalho: "Final - Parte 1". Os fãs já começam a estipular se o mais conhecido dos filhos de Julio Iglesias estaria pensando em aposentar os microfones — e dar um descanso definitivo para os quadris. Se esse será "o fim" da carreira ou o começo de algo ainda maior, não se sabe. Sua ambiciosa turnê pelos EUA, no entanto, pode dar algumas pistas: Iglesias cai na estrada a partir do dia 25 com ninguém menos que Rick Martin, seu companheiro na lista de latinos mais sexy do planeta.

FOTOS: LUANA CHAVES/L'ORÉAL; LECOEUVRE PHOTOTHEQUE/COLLECTION CHRISTOPHEL VIA AFP

Do exército para o mundo pop

A cantora israelense **Noa Kirel** começou a fazer sucesso cedo. Aos 14 anos, já era promessa em Israel com suas roupas coloridas e músicas dançantes. Agora, aos 20 anos, Noa começa a investir pesado nas músicas em inglês para conquistar fãs em todo o planeta. O atraso na carreira internacional aconteceu porque a artista precisou prestar o serviço militar obrigatório em seu país, que vale tanto para os homens quanto para as mulheres. Ou seja, não se assuste com as fotos da jovem cantora segurando um rifle AK-47 em seu perfil do Instagram. Seu primeiro single, "Please, Don't Suck", tem boa repercussão no streaming e ganhou até versão acústica — agora só falta lançar um disco completo.

O peso do sucesso

Apesar da beleza, a atriz britânica **Kate Winslet** sempre foi alvo de comentários maldosos em relação ao seu corpo. Os palpites sobre seu peso frequentam os tablóides desde que ela dividiu as cenas com Leonardo DiCaprio, em "Titanic". Vencedora do Oscar e do Globo de Ouro, Kate acaba de ganhar um merecido Emmy por sua atuação na série "Mare of Easttown", da HBO. Em uma das cenas mais picantes, a atriz de 45 anos fez questão de que seu corpo real fosse mostrado, sem retoques. Exigiu o mesmo em relação aos cartazes de divulgação da atração. Vinte e quatro anos depois de sobreviver ao naufrágio mais famoso do cinema, resistir ao império dos padrões atuais de beleza é para poucos.

Não a chame de 'mamãe'

A cantora **Grimes** gosta de criar polêmicas. Primeiro, fez isso graças a suas roupas e músicas futuristas. Depois, quando começou a namorar o bilionário Elon Musk, 17 anos mais velho e um dos homens mais ricos do mundo. Quando nasceu o primeiro filho do casal, os fãs tentaram decifrar a pronúncia do seu nome: "X AE A-XII Musk". A novidade é que agora a cantora diz que o bebê — de apenas um ano e meio — sabe que ela odeia a palavra "mamãe". Por isso, diz que o filho a chama de "Claire", seu nome de batismo. "Ele consegue sentir que não gosto do termo", disse. Apesar da família excêntrica, as raras fotos de "X" mostram que ele é um bebê como qualquer outro: fofo.

Nero e Lady Gaga: amor à venda

Que o ator **Alexandre Nero** emenda uma novela na outra não é novidade. São tantas histórias que a gente se esquece de que Nero também é cantor — com um álbum de estúdio chamado "Vendo Amor", lançado em 2011. Bem-humorado, fez piada com o caso do compositor Toninho Geraes, que está processando a cantora Adele por supostamente copiar a melodia de "Mulheres", interpretada por Martinho da Vila. Nero diz que agora é a vez de ele processar a cantora Lady Gaga. Ela acaba de lançar, em parceria com Tony Bennett, o álbum "Love for Sale" — algo como "amor à venda", no idioma original. "Esses gringos estão impossíveis", brincou Nero, ao associar o nome das duas obras.

FOTOS: JIMMY FONTAINE; VINCE BUCCI/AP IMAGES; REPRODUÇÃO/INSTAGRAM; DIVULGAÇÃO

Plataforma de informação

O jornalismo da **Editora Três** sempre contribuiu para o fortalecimento do Brasil. Entregamos aos leitores o acesso completo à informação e opinião, de maneira ágil e precisa, seja pela internet, redes sociais ou na versão impressa. Por isso, para se manter bem informado e capaz de dialogar sobre os conteúdos relevantes para a sociedade, escolha nossas marcas.

www.istoe.com.br

Uma revista semanal com jornalismo de qualidade, para ajudar o leitor a esclarecer o que é falso e o que é verdadeiro diante dos acontecimentos do Brasil e do mundo.

www.istoedinheiro.com.br

Única revista semanal de negócios, economia e finanças do País, avaliando e informando sobre tudo o que acontece no mercado.

Siga pelas redes sociais as notícias de última hora, a atualização dos fatos e novidades quentíssimas a qualquer hora e qualquer lugar.

www.revistamenu.com.br

www.revistaplaneta.com.br

e conteúdo

www.motorshow.com.br

A melhor informação para os apaixonados por velocidade, com notícias sobre os esportes a motor, conselhos para o consumidor e avaliações detalhadas sobre os carros à venda no Brasil.

Capas ilustrativas

www.dinheirorural.com.br

A mais completa revista sobre o agronegócio, informando e contribuindo para fortalecer os empresários e investidores do campo.

Todas as informações sobre o mundo das artes visuais e cultura contemporânea no Brasil e no mundo, com projeto gráfico ousado.

www.select.art.br

Assine

Seja o primeiro a receber a melhor informação. Assine pelos telefones **(11) 3618-4566 (SP), 0800 888-2111 (Interior) e 4002-7334 (Demais Capitais),** de segunda a sexta das 10h às 16h20 e sábados das 9h às 15h ou acesse **assine3.com.br**

Para anunciar

Conecte sua marca ao público mais qualificado do segmento. Entre em contato com nossa equipe e anuncie. **(11) 3618-4269**

Impostos **em alta**

Outrora o "Posto Ipiranga" do governo, Paulo Guedes foi escanteado por Bolsonaro na decisão do aumento do IOF, o que o fez perder ainda mais a credibilidade. Com a elevação do imposto, mais uma promessa de campanha foi rasgada

Vinícius Mendes

Até as vésperas da eleição, em 2018, Jair Bolsonaro gostava de comparar, empolgado, o seu único postulante ao cargo de ministro da Economia, Paulo Guedes, com o personagem de uma propaganda que tinha respostas para tudo. Mas o poderoso manda-chuva da economia perdeu sua força. Nos bastidores, diz-se que o decreto aumentando o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) assinado por Bolsonaro na semana passada foi mais uma entre várias decisões econômicas tomadas à revelia do ministro. Isso tem acontecido com frequência cada vez maior. "Se ele não estivesse no governo, certamente seria contra", especula Silvio Campos Neto, economista-chefe da consultoria Tendências. "Mas há um consenso de que ele não tem forças para barrar essas medidas. Ele só vai aceitando as derrotas", diz.

O problema é que o último decreto atingiu com força também o ânimo do mercado — que já rompeu com Bolsonaro e não confia mais no ministro. A falta de compromisso com regras fiscais e o Orçamento sem rumo são alguns dos sinais desse cenário caótico da política econômica. O economista Guilherme Tinoco, assessor da Secretaria de Fazenda de São Paulo, endossa essas críticas apontando

ainda a confusão na agenda econômica. "A sensação é que hoje não há ninguém no controle da economia. De que o governo é suscetível a qualquer pressão e que as coisas são feitas de uma hora para outra", explica.

Para estancar mais essa crise, Guedes deixou de viajar a Nova York para a Assembleia Geral da ONU para participar de uma série de reuniões com o objetivo de acalmar o mercado. Nelas, apresentou o único argumento que tinha: a elevação do imposto foi uma medida jurídica para fixar o valor do Auxílio Brasil, o novo Bolsa Família, em R$ 300 por mês a partir de 2022, evitando que Bolsonaro tente aumentá-lo novamente durante a campanha. Mas não deixou de ser lembrado por alguns interlocutores que, na campanha de 2018, uma das promessas recorrentes de Bolsonaro era justamente não subir nenhum tributo. Para o economista Elias Khalil, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), a canetada de Bolsonaro piorou ainda mais a relação entre o ministro e o setor. "Mexeu com um instrumento fundamental do mercado, que é o movimento livre de capitais. É por isso que estão furiosos com o ministro", diagnostica.

No decreto publicado há uma semana, ao contrário do que prometeu, o presidente elevou o IOF anual para empresas de 1,5% para 2,04%. Já para pessoas físicas, a elevação foi maior: de 1,08 ponto percentual, passando de 3% para 4,08%. O reajuste vai gerar uma arrecadação extra de R$ 2,14 bilhões, destinada a financiar a expansão do Auxílio Brasil de 14 para 17 milhões de famílias, além de aumentar em 57% o valor pago até dezembro. "Trata-se, sobretudo, de populismo econômico. Um sinal de que tudo está subordinado à reeleição", afirma Khalil.

IMPACTO ECONÔMICO

Para Thomas Conti, professor do Insper, a medida foi recebida de forma negativa porque encareceu as operações de empresas mas também porque deu um novo impulso à inflação, que já soma 5,67% só em 2021 — e que, para a OCDE, terminará o ano como a terceira maior do mundo. De quebra, ainda afetou milhões de endividados. "É uma decisão imprevista que faz com que muitas pessoas tenham que pagar mais pelas suas dívidas", explica. O IOF é cobrado sempre que alguém entra no cheque especial, pede um empréstimo para uma instituição financeira ou atrasa a fatura do cartão de crédito, por exemplo. Assim, o rotativo dessa modalidade será tarifado com um valor 20% maior a partir de agora. Entrar no vermelho na conta corrente, para pessoas jurídicas, significará arcar com uma taxa 17,9% mais alta, segundo a consultoria ROIT. "Essa decisão, em meio à alta de juros, sinaliza que o ritmo da retomada será menor", avalia Silvio Campos Neto.

O maior temor é de que se trate de uma medida desesperada. A perspectiva de aumentar o Auxílio Brasil depende de um orçamento muito mais robusto — que só seria possível estourando o teto de gastos. "Há uma ideia geral de que, se precisar passar por cima do Paulo Guedes para se reeleger, Bolsonaro o fará", afirma Tinoco. "Boa parte da reação negativa não foi ao tamanho do imposto, mas ao sinal que ele deu", acrescenta Conti, do Insper. Há ainda o grave impasse sobre os precatórios — as dívidas judiciais que a União precisa pagar até o fim de 2022 e que somam R$ 89 bilhões. O governo tem se esforçado no Senado pela aprovação de uma emenda constitucional que permita o parcelamento desses gastos, que economistas consideram um calote. Se for confirmado, é um passo ainda mais fundo em direção ao caos: sem projetos nem postos para se ancorar. ■

"É uma decisão que faz com que muitas pessoas paguem mais por suas dívidas"

Thomas Conti, economista e professor do Insper

OS IMPACTOS DO AUMENTO DO IOF

20% será o impacto do reajuste sobre o rotativo do cartão de crédito

23% de alta será sentida no cheque especial de pessoas físicas

R$ 2,14 BILHÕES é quanto o governo espera arrecadar com a elevação

FOTO: ANDRESR/ISTOCK PHOTO

China assusta o mundo

O risco de colapso do gigantesco conglomerado imobiliário Evergrande abala as bolsas e vai reduzir o crescimento do país em 2021

André Lachini

Desde o ano passado o Ocidente se inquieta com o cerco regulatório promovido pelo Partido Comunista chinês em diversos setores da economia, o que abalou a confiança dos investidores e levou a uma revisão das perspectivas de crescimento do país, atual motor da economia mundial. Esse aperto ganhou um capítulo dramático na última semana, com o risco de colapso de uma gigante do setor imobiliário, capaz de impactar diversos setores e gerar uma crise de confiança no mercado financeiro global. Para se ter uma ideia da escala da ameaça, o perigo foi comparado à quebra do Lehman Brothers, que desencadeou a recessão mundial de 2008. O epicentro da crise é a incorporadora Evergrande, criada nos anos 1990, que está à beira da falência com dívidas de US$ 305 bilhões (R$ 1,6 trilhão).

MANIFESTAÇÃO
Mutuários protestam contra a Evergrande na sede da empresa em Shenzhen

FOTOS: NOEL CELIS/AFP

SEM DINHEIRO
Torres residenciais em Guangzhou: empresa tem hoje 1.300 obras na China

O risco de que o conglomerado dê um calote é expressivo, o que abalou as bolsas ao redor do mundo. Apesar de ter anunciado na quarta-feira, 22, que chegou a um acordo para pagar 232 milhões de yuanes (R$ 189,5 milhões) a bancos chineses, em uma dívida de curtíssimo prazo, a empresa segue na UTI. Com três milhões de empregados, ela é muito mais que uma empreiteira: tem incorporadora, financeira, montadora de carros elétricos, empresa de alimentos e água mineral e até um time de futebol, o Guangzhou. Era um dos símbolos do "socialismo de Estado" chinês.

MUDANÇA DE RUMO

"Se a Evergrande quebrará ou não, ainda não dá para saber. Mas certamente não terá o mesmo impacto da quebra do Lehman Brothers", contemporiza João Leal, economista da Rio Bravo Investimentos. Segundo ele, todo o setor imobiliário chinês está muito endividado e em forte desaceleração. A projeção de crescimento do PIB chinês para 2021, que era de 9%, já foi reduzida para algo entre 6% e 7%. Leal acredita que o governo chinês deverá anunciar algo em breve. Como muitos analistas, ele acredita que o governo vai intervir e não deixará essa quebra potencial virar um risco sistêmico. Mas há dúvidas. Pequim tem deixado claro que não deseja mais sustentar as grandes corporações a qualquer custo e nem proteger os novos bilionários que sempre confiaram no auxílio generoso do PC. Isso afasta a possibilidade de uma estatização. Até o momento, foi frustrada a percepção de que o governo chinês em algum momento injetaria dinheiro no conglomerado e impediria o default. É um jogo novo no gigante asiático, com consequências imprevisíveis.

O drama da Evergrande atraiu a atenção para as dívidas podres das construtoras e imobiliárias chinesas, das quais o mercado não tem uma exata dimensão. O problema é complexo: a Evergrande precisa entregar 1,6 milhão de apartamentos e milhões de pessoas podem ser afetadas se a empresa, já com centenas de obras paralisadas, não terminar as construções. Desde 2020, o Banco Popular da China, o BC chinês, limitou os empréstimos que as instituições podem conceder ao setor – isto atingiu empresas mais agressivas como a Evergrande.

"Quando interessou, o governo chinês incentivou ao máximo a expansão da Evergrande, durante o 'boom' imobiliário no país. Agora, o Estado foi omisso e a bolha estourou. Isto terá um efeito sobre o mercado de crédito", diz o professor de ciências contábeis Murillo Torelli. Entre os credores estrangeiros do grupo estão a BlackRock, maior gestora de ativos do mundo, o banco suíço UBS e o britânico HSBC.

A turbulência acontece porque o governo chinês quer redirecionar o crescimento do país. Planeja reduzir a participação das incorporadoras, atualmente de 20% no PIB. Este segmento cresceu muito até 2008, quando a China fez a transição demográfica da população rural para a urbana. No final dos anos 90, 75% do orçamento das famílias chinesas era investido em imóveis. A desaceleração já atingiu outros setores e teve repercussões no Brasil, um dos países mais vulneráveis a uma crise global. A tonelada do minério de ferro, que no começo do ano chegou a custar US$ 220, despencou para US$ 108 na última quarta-feira, derrubando as ações dos exportadores, como Vale. É um alerta para a economia brasileira, que mal se beneficiou da alta das commodities no pós-pandemia e agora pode ser arrastada para uma crise global. ■

A DÍVIDA DA EVERGRANDE

US$ 305 BILHÕES, dos quais

90% com bancos chineses

10% com bancos estrangeiros

Fonte: Mercado

DESAFIOS
Adam Quinn como Theodore Roosevelt: entre a política e o amor à natureza

Febre da selva

A minissérie **"O Hóspede Americano"** narra a incrível expedição do ex-presidente americano Theodore Roosevelt com o Marechal Rondon pela **Amazônia**

A vida do ex-presidente americano Theodore Roosevelt parece uma obra de ficção. Ele lutou pela independência de Cuba contra os espanhóis, construiu o canal do Panamá, liderou expedições na África e ainda ganhou o Nobel da Paz após intermediar um acordo entre a Rússia e o Japão, em 1905. Foi também um pioneiro da preservação ambiental, criando parques nacionais e a Polícia Florestal. Em 1913, após ser derrotado na campanha para a reeleição, decidiu vir ao Brasil para participar de uma expedição na Amazônia ao lado do explorador brasileiro Marechal Cândido Rondon. Acom-

AMIZADE Cândido Rondon e Theodore Roosevelt: relação respeitosa, apesar da diferente visão de mundo

AVENTURA Exploração científica: mapeamento do Rio da Dúvida, rebatizado como Rio Roosevelt

"Roosevelt percebeu naquela época que teríamos problemas com o meio ambiente"
Adam Quinn, ator

panhado pelo filho, Kermit, e por uma comitiva de cientistas, a missão recolheu material para o Museu de História Natural, em Nova York, e mapeou o curso do Rio da Dúvida, rebatizado em sua homenagem como Rio Roosevelt.

A aventura na Amazônia serviu de inspiração para "O Hóspede Americano", minissérie criada e dirigida por Bruno Barreto. Com um elenco internacional liderado por Aidan Quinn (Roosevelt), Chris Mason (Kermit) e o brasileiro Chico Díaz (Rondon), a produção tem quatro episódios e estreia em 26 de setembro na HBO Max. "A base do enredo é a relação entre Rondon e Roosevelt, contada pelos olhos do presidente americano porque ele era o peixe fora d'água nessa história", afirma Barreto. Segundo o diretor, o projeto nasceu como um filme, mas o protagonista era tão complexo que ele decidiu transformá-lo em minissérie: "Em vez de contar apenas a jornada amazônica, achei que seria interessante adicionar o background político de Roosevelt nos EUA."

O roteirista Matthew Chapman soube explorar bem a contradição entre as visões dos líderes da expedição. "Rondon vislumbrava um futuro em que a civilização chegaria à Amazônia. Roosevelt o alertava de que, se isso acontecesse, seria a ruína da região. Acredito que a opinião do americano estava mais correta que a do brasileiro", diz Chapman. "É uma história muito contemporânea, mesmo tendo acontecido há um século. A diferença é que estamos falando de homens cultos e preparados, enquanto os políticos de hoje não têm essa profundidade."

NATUREZA SELVAGEM

"Eu pedi a Deus que me mandasse um personagem como esse", celebra o ator Aidan Quinn. "No momento em que terminei o roteiro percebi que seria o papel mais difícil da minha carreira e que eu não tinha alternativa a não ser aceitá-lo." Para o ator, abordar a preservação da Amazônia é um dos temas mais essenciais da atualidade: "O presidente demonstrava um amor puro e verdadeiro pela natureza. Ele percebeu naquela época que teríamos problemas com o meio ambiente."

A trama de "O Hóspede Americano" se alterna entre a trajetória política do presidente e sua jornada diante da vida selvagem amazônica. Nos EUA, ele tinha de lidar com homens como o banqueiro J.P. Morgan, que usava seu poder econômico para pressioná-lo. Na Amazônia, suas preocupações eram outras: as ameaças dos índios, a malária e os problemas de saúde que quase lhe custaram a vida. Ao final da viagem, voltou aos EUA e à mulher por quem era apaixonado, Edith. A tranquila vida familiar, no entanto, não era para ele: Roosevelt logo embarcou para a Europa, onde combateu na Primeira Guerra Mundial. "O Hóspede Americano" é uma série à altura do personagem extraordinário que a inspirou. ■

FOTOS: HELENA GENTIL BARRETO

Paz, amor

Impedido pela pandemia de fazer turnês com sua All Starr Band, o ex-Beatle convida amigos para sessões de gravação em seu estúdio caseiro. O resultado é o lançamento de um novo EP, "Change the World'

Felipe Machado

Ringo Starr quer mudar o mundo, mas para isso ele conta com uma pequena ajuda dos seus amigos. O baterista e cantor de 81 anos acaba de fazer isso mais uma vez: em seu novo EP, "Change the World", o ex-Beatle voltou a reunir um grupo de músicos renomados para as sessões de gravação no Roccabella West, pomposo nome de seu estúdio caseiro, em Los Angeles, nos EUA.

No EP anterior, "Zoom In", lançado em março, Ringo contou com a participação de Paul McCartney, Corinne Bailey Era, Lenny Kravitz e Dave Grohl. Em "Change the World" o destaque vai para os guitarristas Steve Lukather (Toto), Joe Walsh (Eagles) e o baixista Fully Fullwood, uma lenda do reggae jamaicano que já tocou com Bob Marley e Peter Tosh.

O novo EP traz quatro canções: a otimista "Let's Change the World", o reggae "Just That Way", o country pop "Coming Undone", com participação do jazzista Trombone Shorty, de Nova Orleans, e uma versão do clássico "Rock Around the Clock", de Bill Haley & His Comets.

Impedido de fazer turnês à frente da sua All-Starr Band, grupo de roqueiros famosos que se reúne para tocar um repertório de sucessos, Ringo descobriu como lidar com a pandemia: gravando e lançando novas músicas. "Ter um estúdio em casa foi a minha salvação", diz o ex-Beatle. Seus fãs comemoram.

ENTREVISTA Ringo Starr

O que o seu novo EP traz para os fãs?

Alegria. O EP se chama "Change the World" ("Mude o Mundo") por causa das crianças. Fico imaginando o que se passa na cabeça dos políticos. Será que eles têm filhos? Ou netos? Isso já devia ser uma boa razão para se preocuparem com o ar que respiramos ou com a água que bebemos.

Você promove o slogan "paz e amor" há 50 anos. Está funcionando?

Desde 2008, no meu aniversário, em 7 de julho, incentivo o compartilhamento de mensagens de paz e amor. No início, éramos apenas cem pessoas nas ruas de Chicago. Hoje, o movimento está presente em 28 países. Cada um tem que fazer a sua parte. Eu faço a minha.

Os Beatles mudaram a história do rock?

Mudamos a história da música. Nos anos 1960, havia uma divisão entre quem compunha e quem gravava. O produtor George Martin chegou com um repertório pronto, mas exigimos gravar nossas próprias canções. Fico feliz por saber que elas ainda estão por aí.

Por que lançar "Rock Around the Clock"?

Passei boa parte da infância no hospital. Quando fiz 15 anos, o médico me liberou e viajei com meus pais. Fui ao cinema e assisti a "Rock Around the Clock". As pessoas enlouqueceram, e começaram a arrancar as cadeiras da sala. Pensei: "uau, isso é demais!". Lembro desse momento como se fosse ontem. Quando planejava o repertório, decidi gravá-la.

Você tem novos parceiros nesse EP.

Amo as surpresas envolvidas na gravação de um álbum. Gosto de trabalhar com amigos, mas também com gente que nunca vi na vida. Eu não conhecia Linda Perry, que fez "Coming Undone". **>>**

“Amo as surpresas envolvidas na gravação de um novo álbum. Gosto de trabalhar com amigos, mas também com gente que nunca vi na vida”
Ringo Starr, músico

Hoje é fácil, você troca arquivos pela internet. Quando me convidam para tocar, mando os arquivos e digo “use ou jogue fora”. Costumam usar.

Como surgiu o reggae “Just That Way”?
Sempre gostei de reggae, passei bons tempos na Jamaica. Não tinha planejado nada, simplesmente aconteceu. Mas gostei porque o estilo me dá a chance de trabalhar com grandes músicos.

Como se sentiu ao adiar a turnê com sua All Starr Band mais uma vez?
Temos datas agendadas para o ano que vem, mas é impossível saber se elas vão realmente acontecer. Meu coração torce muito. O que tem me salvado na pandemia foi o meu estúdio caseiro, porque mesmo isolado posso tocar e me encontrar com músicos – todos testados, claro.

Quais são suas memórias sobre Charlie Watts? (baterista dos Rolling Stones, morreu recentemente)
Era um grande cara. Ele teve mais trabalho com a banda dele do que tive com a minha. Deixa saudade, era um homem sereno, um belo ser humano.

Você já viu a versão final do documentário “Get Back”? O que achou?
Está incrível. Nunca gostei de “Let it Be”, sempre achei um filme muito para baixo. A nova versão de Peter Jackson terá seis horas, inclusive o show que fizemos no telhado da gravadora Apple. Há cenas em que estamos rindo, nos divertindo. Havia muitas emoções em jogo, mas hoje vejo que era algo normal. Éramos apenas quatro caras dando duro no estúdio. ■

GET BACK Novo documentário de Peter Jackson: sessões de gravação de “Let it Be”

FOTOS: SCOTT ROBERT RITCHIE PHOTO; DIVULGAÇÃO

THRILLER
Lázaro Ramos e Thalita Carauta na cena do crime: caso de mistério no bairro da Urca

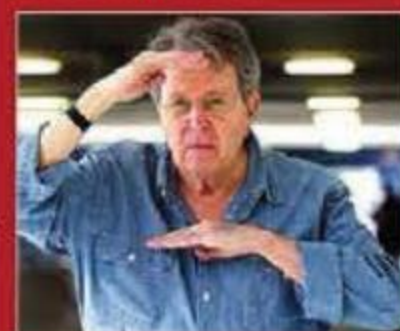
CINEMA

Filme noir com sotaque carioca

"O Silêncio da Chuva", com Lázaro Ramos e Cláudia Abreu, é inspirado no romance homônimo de Luiz Alfredo Garcia-Roza

Um Rio de Janeiro sem sol, praias ou lindas paisagens. Dirigido e produzido por Daniel Filho, o thriller "O Silêncio da Chuva" mostra a cidade maravilhosa sob o prisma do delegado Espinosa, carismático protagonista dos romances de Luiz Alfredo Garcia-Rosa. Interpretado por Lázaro Ramos, o policial se vê em meio a um mistério que envolve a morte do empresário Ricardo (Guilherme Fontes), encontrado baleado em seu carro com uma mala de dinheiro. A partir do crime, segue-se uma busca aos beneficiários de sua apólice de seguros e, como consequência, há outras vítimas fatais. Apesar da boa atuação de Lázaro, quem rouba a cena é a investigadora Daia (Thalita Carauta), divertidíssima no papel de assistente – e confidente sexual – de Espinosa. Seu papel rendeu à atriz um prêmio no BRICS Film Festival, na Rússia. O elenco traz ainda Otávio Muller e Cláudia Abreu, ótima como a viúva sensual que não está nem aí com a morte do marido. Publicado em 1996, o livro teve sua história atualizada e o roteiro foi adaptado por Lusa Silvestre ("Estômago") para os dias atuais. "O trabalho de atualização da trama é sensacional, principalmente no que diz respeito às mulheres", afirma Lázaro Ramos. "É um enredo policial, mas que utiliza muito o humor." Essa mistura deu origem a um ótimo filme noir - com sotaque bem carioca.

O RIO PELAS LENTES DE DANIEL FILHO

Conhecido por longa e bem sucedida carreira à frente de projetos na Globo e no cinema, Daniel Filho filma o Rio como ninguém. Em "O Silêncio da Chuva", ele transpôs a história do boêmio bairro Peixoto, dos anos 1990, para a Urca dos dias de hoje. "O livro é uma inspiração, fizemos adaptações no roteiro. Muita coisa mudou em mais de 20 anos. A participação das mulheres na polícia, por exemplo", explica o diretor. Daniel Filho tem afirmado que não "sonha mais em ganhar o Oscar", mas seu novo filme mostra que o cineasta de 83 anos ainda tem fôlego para muitas enas no futuro.

PARA LER

"O Livro do Xadrez", última obra do austríaco Stephen Zweig, foi escrito no Brasil em 1941 e narra uma viagem de navio entre os EUA e a Argentina. Ainda que de forma metáforica, foi a única vez que o autor de origem judaica abordou o nazismo.

PARA VER

"Ted Lasso" é um sucesso de crítica e público. A produção sobre um técnico de futebol que não entende nada do assunto foi um gol de placa da AppleTV+: a série interpretada por Jason Sudeikis foi premiada com o Emmy de melhor comédia.

PARA OUVIR

Com a participação de grandes nomes da música brasileira, o projeto **"Aldir Blanc Inédito"** reúne 12 canções compostas a partir de letras do compositor carioca morto em 2020. Há versões de Chico Buarque *(foto)*, Maria Bethânia e João Bosco.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; MARIANA VIANNA, REPRODUÇÃO; GABRIELA PEREZ; LEO AVERSA

por Felipe Machado

MÚSICA

Zakk Wylde, um monstro do rock

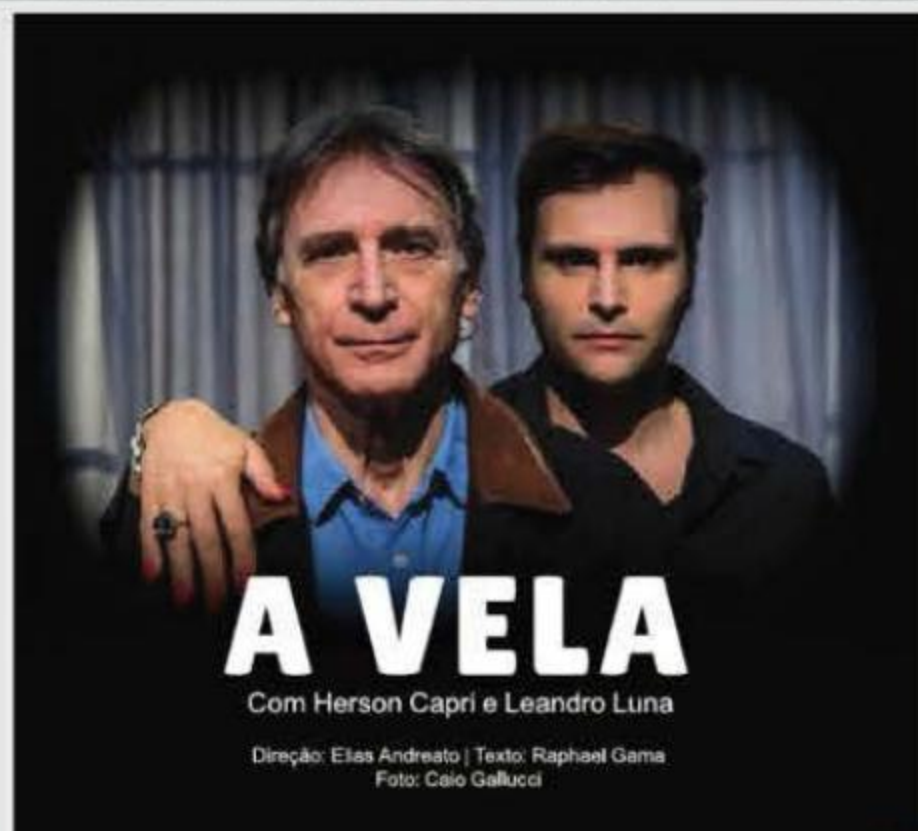
Considerado um dos melhores guitarristas da atualidade, o americano lança novo álbum à frente da sua banda, Black Label Society: **"Forever and a Day"** traz o ex-guitarrista de Ozzy Osbourne em sua melhor forma, alternando baladas e rocks da pesada. "Deixei a influência de Black Sabbath, Led Zeppelin e Cream rolar solta", afirma. Compositor de sucessos de Ozzy como "No More Tears" e "Mamma I'm Coming Home", o músico diz que a pandemia "congelou o mundo por dois segundos". "Passei menos tempo na estrada e mais tempo com meus pais. Vi o que era realmente importante".

DANÇA

A "Cura" de Deborah Colker

A coreógrafa estreia seu novo espetáculo no formato online: "Cura" vai ao ar gratuitamente na plataforma Globoplay em 25/9, às 20h, e depois ganha temporada presencial na Cidade das Artes, no Rio de Janeiro, a partir de 8/10. Segundo Deborah, o espetáculo é inspirado na vida do **cientista britânico Stephen Hawking**. "Quando foi diagnosticado com uma doença degenerativa, os médicos deram a ele três anos de vida. Ele viveu mais 50", explica. "Entendi o que é a cura do que não tem cura." A obra traz influência de mitos religiosos e roteiro do rabino Nilton Bonder, de "Alma Imoral", além da trilha sonora de Carlinhos Brown.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

A DEMOCRACIA IGNORANTE

Enquanto você junta seus trocados para tirar férias naquela pousadinha que sua prima ficou, um punhado de turistas como você e eu entraram para a História.

É que no último sábado a humanidade deu mais um passo em direção à conquista do espaço.

A gente comum rompeu aquela que o Capitão James T. Kirk, da Entreprise, se referia como "a fronteira final" na série de TV.

Pela primeira vez uma nave espacial ultrapassou os limites estratosféricos levando em seu interior apenas gente comum.

Turistas espaciais.

Foi a missão Inspiration4 da SpaceX de Elon Musk.

Durante três dias a cápsula Dragon esteve em órbita da terra a 575 km.

Isso é mais do que a distância que estamos da Estação Espacial ou do telescópio Hubble, para você que está imaginando que foi uma viagenzinha de nada.

A bem da verdade, um desses turistas não era como você e eu, ao menos no que se refere ao saldo bancário.

É que quem pagou a conta de dezenas de milhões de dólares da viagem foi o bilionário Jared Isaacman, de 38 anos, que além de sua própria passagem, também pagou pelos assentos de uma professora, uma enfermeira e um veterano da Força Aérea americana que o acompanharam na missão.

Não pense que foi como pegar um ônibus na rodoviária.

Os tripulantes da Inspiration4 tiveram que treinar por seis meses para conseguirem realizar o feito. Mas, no final, a missão foi realizada com sucesso.

Tempos estranhos esses em que vivemos.

Tempos onde a luz e as trevas se intercalam.

Se de um lado quatro turistas tiram férias no espaço, há ainda quem discuta se a terra é plana.

Se de um lado a ciência conseguiu criar, em tempo recorde, diversas vacinas para uma doença que acabou de surgir, há quem insista em não se vacinar valendo-se dos mais estapafúrdios argumentos.

Enquanto tanta gente dedica suas vidas para levar à frente o desafio de criar um futuro melhor, idiotas trabalham para nos atirar de volta à Idade Média.

Onde foi que erramos?

Quando e porque demos espaço para a ignorância se impor ao conhecimento?

Ao criar uma rede intrincada de conexões que permite a divulgação de opiniões como nunca ocorreu, dando enorme alcance para voz a cada um, ao mesmo tempo, falhamos em construir filtros para validar essas mesmas opiniões.

Qualquer um pode divulgar a bobagem que bem entender e, ajustando aqui e ali, criar um culto a sua própria burrice.

Até outro dia não permitiríamos que tanta ignorância se proliferasse.

Quando imbecis não tinham voz, suas imbecilidades estavam restritas a pequenos grupos que, sem a tração das mídias sociais, simplesmente evaporavam com o tempo.

Quatro turistas tiram férias no espaço. E ainda há quem discuta se a Terra é plana

Hoje o óbvio, o certo, o técnico, o científico é contestado sem nenhum argumento sólido.

Em nome de uma suposta liberdade de expressão, criamos um batalhão de crianças mimadas, que esperneiam e fazem birra quando contrariadas.

Na mesma semana em que demos um enorme passo em direção ao futuro, permitindo que o homem comum tenha acesso ao espaço infinito, demos também gigantescos passos rumo ao passado, quando foi permitido que a obstinação pela desinformação de nosso presidente mudasse as regras da ONU para seu discurso de abertura da Assembleia Geral.

O protocolo que obrigava todos os delegados do evento a estarem vacinados foi alterado para excluir desta obrigação os chefes de Estado e, assim, acomodar a pirracinha de Bolsonaro, que se deu ao luxo comparecer sem a vacina.

Uma entidade mundial da importância da ONU cedeu à nova ética onde nenhuma burrice será confrontada.

Que diferença existe, afinal, entre acreditar que a terra é plana, desqualificar a Ciência ou conceder aos caprichos do nosso presidente?

Apresenta

@tombrasilshows
@grupotombrasil
#tombrasil
MESAS A PARTIR DE 02 LUGARES